

**QUINAXIXE**

**TÍTULO:** Quinaxixe

**AUTOR:** Arnaldo Santos

Capa: José João

1.<sup>a</sup> Edição: Casa dos Estudantes do Império.

Colecção de Autores Ultramarinos. Lisboa 1965

Composição e impressão: Gráfica Técnica. Lisboa

2.<sup>a</sup> Edição: União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa (UCCLA)

A presente edição reproduz integralmente o texto da 1.<sup>a</sup> edição.

Artes Finais da Capa: Judite Cília

Composição e Paginação: Fotocompográfica. Almada.

Impressão: Printer Portuguesa. Mem Martins.

Esta edição destina-se a ser distribuída gratuitamente pelo Jornal SOL, não podendo ser vendida separadamente.

Tiragem: 45 000

Lisboa 2015

Depósito Legal: 378 498/14

Apoios Institucionais:



COLECÇÃO AUTORES ULTRAMARINOS

ARNALDO SANTOS

# **quinaxixe**

EDIÇÃO DA CASA DOS ESTUDANTES DO IMPÉRIO

*L I S B O A*

## COLECÇÃO AUTORES ULTRAMARINOS

### SÉRIE LITERATURA

- N.º 1 — *Amor*, de M. António (esgotado)
- N.º 2 — *A Cidade e a Infância*, de Luandino Vieira (esgotado)
- N.º 3 — *Fuga* (Poemas, 1960), de Arnaldo Santos (esgotado)
- N.º 4 — *Poemas*, de Viriato da Cruz (esgotado)
- N.º 5 — *Poemas de Circunstância*, de António Cardoso (esgotado)
- N.º 6 — *Terra de Acácias Rubras*, de Costa Andrade (esgotado)
- N.º 7 — *Kissange*, de Manuel Lima (esgotado)
- N.º 8 — *Poemas*, de Agostinho Neto (esgotado)
- N.º 9 — *Poemas*, de António Jacinto (esgotado)
- N.º 10 — *Poesias*, de Alexandre Dáskalos (esgotado)
- N.º 11 — *Poesia Angolana*, de Tomaz Vieira da Cruz
- N.º 12 — *Diálogo*, de Henrique Abranches
- N.º 13 — *Caminhada*, de Ovídio Martins (esgotado)
- N.º 14 — *Chigubo*, de José Craveirinha
- N.º 15 — *Quinaxixe*, de Arnaldo Santos

### SÉRIE ENSAIO

- N.º 1 — *Literatura Angolana* (resenha histórica), de Carlos Ervedosa (esgotado)
- N.º 2 — *Consciencialização na Literatura Caboverdiana*, de Onésimo Silveira
- N.º 3 — *Negritude e Humanismo*, de Alfredo Margarido

### SÉRIE ETNOGRAFIA

- N.º 1 — *Cancioneiro Popular Angolano* (subsídios), de Gonzaga Lambo (esgotado)
- N.º 2 — *Canções Populares de Nova Lisboa*, com um ensaio interpretativo de Alfredo Margarido

QUINAXIXE



Àquela hora, já não havia os aveludados bichinhos da chuva, vermelhos como gotinhas de sangue, e o Martini vendera já as melhores maçãs da Índia, que tinham caído da véspera. Os criaditos acorriam a recados das senhoras do Quinaxixe e saíam agitando guindas coloridas que giravam no ar. Alguns comerciantes, findo o primeiro afluxo com os matabichos dos trabalhadores da madrugada, descansavam à porta e entretinham-se tentando surpreender negrinhas púberes.

Junto do Canelas, o Bairro do Cruzeiro crescia devagar, sob o rumor intenso dos instrumentos de trabalho das oficinas da Bricon. Até no Cemitério, como branco quintal de cruces e flores, a vida aparecia com aqueles que se quedavam sob a terra, e a sineta com o seu toque frágil, de vez em quando, acrescia aos tons confiantes do trabalho, uma nota de imperenidade.

O sol elevava-se com a vida. O Nito então tentou escapar.

Meio agachado, com a respiração truncada pela atenção, baixava-se amiúde entre o capim, como flechando gafanhotos e olhava obliquamente para o portão. Ninguém. As janelas vazias, o portão fechado, o criado esquecido da vigilância.

Momentos antes saíra ostensivamente pela porta da frente, armado de arco e das flechas. «Para onde vais Nito?» — perguntaram. «Vou brincar aqui mesmo...» — e realmente brincara ali mesmo, pertinho de casa.

Mas agora tentava em corridinhas rápidas encobrir-se com a casa de D. Joana, para procurar os companheiros do bairro que certamente já o esperavam. Ficava o criado, o Cumbage, passivo responsável das suas fugas, perante a justiça sempre igual e inflexível da D. Zulmira. «Eu já te disse que não quero o menino a estorricar ao sol.»

Mas nem sempre o Cumbage era facilmente logrado. Curtido, espiava-o às vezes do fundo do quintal onde a sua cabeça encarapinhada aflorava na linha larga e azul do muro alto. Via-o silencioso esgueirar-se como uma onça, e sorria cabindamente quando ele disfarçava, fingindo mergulhar no capim como para agarrar quinjongos, mas calava-se e consentia.

Poucas vezes porém o Nito se lembrava do Cumbage. Talvez a mamã lhe batesse, como sempre, por aquilo ou por factos diferentes. Era hábito. Encolhia os ombros.

— Eh! miúdo...!

O Barriga de Ginguba assustou-se, apanhado em flagrante. Escondeu precipitadamente, atrás das costas, o que tinha na mão, e ficou imóvel, vendo-o aproximar-se, à espera, com a boca entreaberta ainda suja de barro vermelho e os olhos mortiços, apagados.

Enquanto se encaminhava para ele o Nito lembrou-se de que ele ia morrer. A sua mãe repetia-o sempre que o via passar com a sua enorme barriga. Coitado! Era melhor deixá-lo à vontade, pensou. Se ele tinha fome...

— Então... — disse com intenção de não o atemorizar.

O Barriga de Ginguba não respondeu, seguindo-lhe os movimentos, desconfiado. O Nito abaixou-se esgaravatando um buraco de formiga com a ponta da flecha. Precisava de lhe demonstrar que não o queria contrariar, ter um gesto que o tranquilizasse. De súbito lembrou-se, e estendeu-lhe um grande torrão de barro avermelhado.

O Barriga de Ginguba olhou-o surpreso, mas encolheu os ombros recusando, e por sua vez, lentamente retirou a mão de trás das costas e ofereceu-lhe também um pedaço de barro endurecido. O Nito pegou nele receoso e provou para não o desgostar. Sentiu a boca encher-se de saliva. Afinal era gostoso! Mas lembrou-se das palavras lúgubres da mãe e cuspiu.

No passeio do Pitta-Groz contou com grande exagero aos amigos, o sucedido. O Dino achou que deviam ir pedir comida a casa para lhe irem levar.

— E se déssemos o dinheiro da rifa? — propôs o Rui.

— Mas os quadros ainda não estão prontos... — lembrou o Gigi, para quem o assunto parecia inadiável.

— Mas o pai dele, porque é que lhe não dá comida? — perguntava o Neco recriminando o egoísmo dos pais do Barriga de Ginguba.

A discussão animou-se de pormenores e sugestões. Mas os pais dele não tinham dinheiro? O Dino assegurava que o criado dele recebia dinheiro e comida.

### *Velho Congo ua dilongo...*

Em ritmo da conga em voga, os filhos do empregado da Invicta cantavam para atazanar um negro maluco que ia a passar.

— Olha o velho Congo! Vamos também... — gritou o Rui. E correram todos já esquecidos da discussão, mas o Dino ficou para trás.

Era franzino e detestava violências. Eles iriam certamente atirar-lhe pedras, quando o maluco se virasse para os enfrentar. Felizmente nunca o acertavam.

Finda a perseguição tinham-se distanciado muito da loja do Pitta-Groz, e estavam perto da Casa dos Santos, um maciço casarão de 1.º andar, rodeado de estátuas à entrada e que servia de colégio da D. Berta. Nas histórias dos meninos do Quinaxixe dizia-se que à noite as estátuas falavam entre si e desciam dos pedestais. O Dino recusou-se a prosseguir.

— O meu avô pode-me ralhar — pretextou.

Os companheiros entreolharam-se. Sabiam que o Dino não ultrapassava uma certa distância de casa.

— Vamos só até ali, nas barrocas da LAL, apanhar uns tubos — insistiram. Os tubos eram de chumbo e faziam parte da canalização da Luz e Água, que rebentara, e que eles surripiavam para trocar por chupa-chupas na loja do Mário Maluco.

— Olha, depois não te damos nenhum! — ameaçaram o fugitivo que já corria para casa.

\*

\*

\*

Uma píruca cantou do alto da mafumeira e o Mário avisou os companheiros que eram 11 horas. Como confirmação ouviram pouco depois a sineta do Cemitério soar fracamente. Eram realmente 11 horas. As águas barrentas da lagoa do Quinaxixe estavam acobreadas e pareciam metálicas e espessas sob o sol intenso.

O único refúgio que lhes permitiria continuar a pescar abrigados do sol, era uma mafumeira que as águas transbordantes da lagoa tinham quase rodeado e que aparecia como uma ilhota de sombra. Porém, até lá, teriam que atravessar um lodaçal traiçoeiro e escorregadio por um lado, ou atravessar a nado certa zona da lagoa O Zeca que já tinha os calções molhados preferia ir a nado.

— Eu não vou a esta hora...! — disse o Tonecas desanimado que até à altura só tinha conseguido apanhar dois cacussos pequeninos. E acrescentou: — Mesmo estes vou dar ao guarda da Agricultura.

— Bem, então vamos para a patinagem — decidiu o Mário que já tinha desistido da pesca e tentava atingir com a fisga os sapos que apareciam à tona.

A patinagem era um improvisado escorregadouro de cimento, que servia de esgoto ao Bairro dos Lusíadas, onde os jovens quinaxixenses, depois das excursões pela Floresta, deslizavam em cima de vassouras de mateba.

O Zeca ficou contrariado com a resolução, mas não disse nada. Desde que lá rasgara umas calças novas, evitava a patinagem.

Ao dirigirem-se para lá, uma mulher de aspecto desleixado descia uma pequena elevação da Agricultura, que ia dar ao largo dos Lusíadas. Era branca, durázia e vinha suada, carregando desajeitadamente um pacote humedecido pelo suor.

— Olha a Talamanca! — cochichou o Tonecas para o Zeca, trocando um olhar significativo.

Bebia muito a Talamanca, e a garotada do bairro girava-lhe à volta, caçoando. Nessas ocasiões, ela gritava muito vermelha, batendo com a mão fechada no peito achatado: «Meu marido era um capitão! Sou viúva de um capitão!».

— Agora... — avisou o Mário quando se aproximavam.

*Água fria da ribeira*  
*Água fria quem a inventou...*

O Zeca cantava baixo, olhando-a prudentemente, com o rabo de olho ao passar. Ela não se importava nada de lhes dar uma berrida! Talamanca realmente não gostou, e rosnou, deitando-lhe um olhar duro: — Seu mulato vadio...!

— Atira-lhe uma pedra — ofendeu-se pelo companheiro o Mário, que era branco.

— Deixa lá, é uma quissanda... — riu-se o Zeca, fazendo uma careta.

\*

\*            \*

— Atira...! — gritou o Miranda, enquanto descia a correr uma elevação, perseguido por furioso sardão azul de cabeça vermelha. O Pica físgou-o. O sardão salpicado pela areia levantada pelo burgau, parou.

— Lázaro...! — xingou o Miranda, que já se tinha recomposto e disparava por sua vez a físga. O réptil atingido pela pedra foi projectado a certa distância, e ficou depois inerte, com a barriga branca exposta ao sol.

— Einh! tu só mesmo p'rás picas.

O Pica era o famoso matador de pica-flores do Quinaxixe. Magríssimo, com uma cabeça pequenina,

tinha um nariz comprido e afilado, assemelhando-se fisicamente ao passarinho. Não lhe desagradava porém a alcunha que lhe dava grande prestígio entre os companheiros.

— Merda, fazem tanto barulho... — gritou contrariado o Carlos, aparecendo por detrás de umas piteiras próximas, donde tentara atingir um bico de lacre pou-sado num arbusto. Ainda conservava a físga retesada, agora inútil, e olhava-os vingativamente, mas hesitante. Acabou no entanto por ir juntar-se ao Bufa, que descansava à sombra de uma acácia.

O Pica e o Miranda aproximaram-se também discutindo sobre o novo rumo a tomar.

— A Floresta já não dá nada... — dizia o Pica, que visava a Missão, um imenso quintal da Igreja Protestante, plantado de árvores de flores brancas, que as picas gostavam de bicar. O Miranda pensava, porém, nas berridas do guarda, e não se convencia.

Para ele a Floresta, ainda era melhor. Imenso corpo vegetal, descia ruidosa pelas barrocas do Bungo, rastejando nos muxitos, cucuritando nos arbustos, erguendo-se no gorgueio multi-facetado do burburinho arborescente.

— Que tal a patinagem...?! Está mais perto e tudo... — lembrou o Bufa, mangonheiro, e que não estava para correrias.

Fazia muito calor. A sugestão foi aceite. Já deslizavam no escorregadouro de cimento quando apareceu o grupo da lagoa.

O Zeca franziu o sobrolho quando viu o Miranda. Certamente este iria troçar do seu hábito de regressar a casa para beber água.. O Miranda não perdia nenhuma oportunidade para o arrelhar. Ele não gostava que o Zeca se recusasse a beber a água das torneiras dos jardins e dos quintais que eles pulavam, quando estavam sedentos. Achava que era mania, tibieza de menino amimado, e não temia irritá-lo, porque era mais velho e mais forte.

O grupo foi recebido com gritos de alegria, e pouco depois misturavam-se em ruidosa confusão caindo uns sobre os outros. Ao disputar uma vassoura, o Miranda, como o Zeca tinha previsto, zombou:

— Larga lá isso, e vai beber água... — disse-lhe ao puxar com brusquidão a vassoura.

— Vai à merda... — respondeu atrevidamente o Zeca.

O Miranda olhou-o longamente, sem compreender. Que bicho lhe mordera. O Zeca encolhia-se sempre. Mas ele não podia perder a sua autoridade. Reagiu com decisão e pediu café. Os companheiros fizeram roda, silenciaram e o Pica que gostava de ver lutar, encheu imediatamente as costas das mãos com areia e ofereceu-as aos contendores.

O Zeca pensava angustiado que ia levar uma tarefa, mas bateu corajosamente numa das mãos do Pica, olhando-o também com rancor, como se ele se tivesse tornado cúmplice. A roda fechou-se e os companheiros começaram a incitá-los.

Depois da pugna, dorido, mas intimamente satisfeito, o Zeca arreganhou com ousadia: — Agora, manda-me lá beber água!

Não lhe suportaria mais o domínio antigo. Sentia-se livre.

\*  
\*            \*

Do poente esmorecido, um raio amplo e sanguíneo estendia-se pela terra batida do Quinaxixe. As casas tingiam-se das cores do pôr-do-sol, e os vultos das gentes dos muceques alongavam-se sob os seus passos apressados. Debaixo da mulembeira do Pitta-Groz a sombra era maior, furada aqui e ali por pequenos raios acerados.

O comprido passeio de cimento da loja enchera-se dos rapazes do bairro que faziam dele o pouso predilecto para as histórias do anoitecer.

Conversavam alegremente sobre os acontecimentos do dia. O Chôa e o João Maluco assobiavam para umas jovens que regressavam em bando para os musseques. Eles muxoxaram.

— Xoxo no teu prato... — respondeu o Chôa.

O João Maluco preto fulo, disparatou em quimbundo. A rapaziada riu estrepitosamente. Eles eram as autoridades do bairro. Iam já sòzinhos à noite ao Cine Colonial, sem ter medo de passar pela Cerca onde os soldados da Companhia Indígena faziam esperas,

viam os filmes do Buck Jones e tinham experiência com mulheres da vida. A tardinha lanchavam então à pressa, e vinham ainda empanzinados de gonguenha, para não perder a narração das histórias que eles contavam. O Chôa era a figura principal. Descrevia as cenas com grandes gestos e exclamações e algumas vezes auxiliava-se da proximidade de algum garoto, para dar maior veracidade às cavalgadas de perseguição aos bandidos. Encavalitado nas costas do miúdo que gemia, cantava fanhoso, à moda do Texas.

*Alô pistoteique*  
*Pistoteique mama*  
*Alô pistotei...*

Como a canção era sempre a mesma, tornou-se popular entre a juventude no Quinaxixe, com aquele inglês intraduzível. «Mentira! Mentira mete no saco, saco vazio não fica em pé, cinco réis não volta troco, água quente não queima a casa...», era assim caudalosamente que os garotos reagiam contra alguém que punha desconfiança nas histórias do Chôa.

— Olha, lá vai a Caxia! — avisou o João Maluco, ao ver uma mulata gorda que passava ao largo. Os companheiros olharam também. As suas ancas largas e fornidas tinham sido há muitos anos o motivo de disputas dos brancos ricos de Luanda. Hoje só recordavam aquele passado de luxúria, que a juventude do Quinaxixe lhe recordava impiedosamente, gritando:

— «Mucaje ia kingando...» Ela reagia com pedradas. Naquele dia ia triste. Passava longe, para os evitar:

Entretanto o Chôa iniciara já a narração do último filme de cow-boys. O Mário que era o mais miúdo do grupo, desviou-se prudentemente para dentro da loja do velho Pitta-Groz, temendo alguma cena de cavalgada.

No balcão comprido e liso de cimento, empilhavam-se pratos de esmalte, e os trabalhadores das seis e meia, comprimiam-se falando em unísono.. Entre aquela vozearia alteava-se a voz do empregado branco: — Kitári, kitári... Quanto... — alguns afastavam-se resmungando, que os pratos não estavam bem aviados, e voltavam depois para o quimbombo.

Um homem magro e cansado veio sentar-se devagar, gemendo ligeiramente ao dobrar-se, quase aos pés do Mário. Levantou a cabeça e com um olhar nublado por uma névoa branca de cansaço, interrogou-o mudamente, estendendo-lhe em seguida o prato de feijão de azeite de palma.

O Mário encolheu os ombros negativamente. Não tinha ido lanchar. Tinha fome, mas hesitava. A mãe podia vir a saber. Ainda se o empregado não estivesse ali.

Gritos insólitos sobrevieram da rua e o Mário virou-lhe as costas e chegou à porta curioso.

O Tonecas e o Neco tinham chegado da Floresta com as gaiolas de bordão e explicavam algo, excitados. O Mário aproximou-se a correr, mas recuou a seguir. Junto das gaiolas estava uma cobra esguia

e amarelada. Tinham-na morto depois de ela ter engolido duas celestes e um maracachão da gaiola do Neco, que vinha choroso e trémulo. O Tonecas contava com grande animação o acontecimento. A rapaziada queria mais detalhes. Repisava as perguntas, recordava casos semelhantes, peripécias antigas. Por fim a voz forte de comando do Chôa ordenou a autópsia da cobra, e a sua incineração, para a dança do deus cobra.

E em algures do Quinaxixe já dentro de uma noite que se adensara, envolta em panos de luto, ainda os vultos esguios e magros dos rapazes do bairro se recortavam na luz vermelha da fogueira, agigantados nas sombras movediças, retorcendo-se e saltando numa dança frenética e tumultuosa, que enchia o ar de gritos roucos — a dança do deus cobra.

— Agora, quem não saltar a fogueira, a mãe dele é baco!

Era a ordem final. Terminava a dança. A fogueira apagava-se devagar.

Entraram depois em suas casas sorrateiramente para esconder o desalinho.

\*

\*

\*

Noite alta D. Ana de Sousa entrou silenciosamente no quarto do filho. Depois do jantar recomendara-lhe que lavasse bem os pés, a fim de não sujar os lençóis.

O Mário adivinhou as intenções da mãe, mas resignou-se. Era sempre o mesmo aviso antes da extracção das matacanhas. O que vale é que ele só acordava quando da desinfeccção com a tintura de iodo. Mas como ardia aquela tintura!

D. Ana ia devagar, quase solene, e a seu lado a criada segurava o candeeiro a petróleo, e o frasco da malfadada tintura.

O Mário dormia profundamente. Um fiozinho de suor corria-lhe sob o queixo e deslizava para o peito moreno descoberto. Um dos braços pendia-lhe abandonado de um dos lados da cama de ferro. Dormia e campeava em sonhos pelas barrocas, encavalitado em monstros, perseguindo feiticeiros que bungulavam nas portas, lutando contra cobras que comiam pássaros, nadando na lagoa do Quinaxixe no mistério das sereias; comendo funje com os contratados na loja do Pitta-Groz, dançando um batuque de vingança a uma divindade impiedosa. Vivia então o seu grande e único sonho de liberdade — o da sua infância:

As feições severas da mãe adoçaram-se ao olhá-lo. Pobre passarinho indefeso, pensou D. Ana comovida. Tão sereno e tão calmo dentro desse sonho grande. Ser-lhe-ia possível ser fiel às juras dessa infância de influências comuns, que eles erguiam dia a dia num coro uníssonos, sagrado com cruces nas pulsos, que eles recriavam entusiasmados e opunham depois vibrantes com novas tonalidades vivas, para novos fins.

E aquela ingénua confiança rescendia da sua respiração funda e regular, como uma certeza tão lúcida e renovadora, que D. Ana de Sousa estremeceu. Teve medo.

E a sua voz autoritária suavizou-se, quando disse para si, baixinho, receosa:

— O que será de ti, amanhã, meu filho...?



# O VELHO PEDRO



Há anos que o velho Pedro se aquietara na sombra da sua cubata de zinco, isolada, junto das barrocas da LAL. As águas das chuvas vinham caudalosas dos muceques, roendo as margens da terra aberta e aproximando-as lenta e perigosamente do tugúrio do velho. Mas iam as chuvas, vinham as chuvas e ela continuava firme e solitária, como uma sentinela metálica, sugerindo no seu vulto hirto a existência misteriosa daquele velho temido.

Cá fora o tempo passava sob uma toalha de sol, salpicada de gritos e corridas ruidosas dos garotos do Quinaxixe. Mas raras vezes aquelas correrias desnor-teadas iam dar às barrocas da LAL. «Cuidado com o cambungú da barroca» — assustavam as mamãs os filhos vadios, ansiosos por pesquisarem os montes de lixo despejados nas barrocas.

Aquela barroca era por isso a única que resistia à insaciável curiosidade daqueles meninos aventureiros, que procuravam os tesouros dos corsários. Contentavam-se então com alguns achados mais modestos, e o

Zeca fez um figurão durante algum tempo, com um despertador que ainda tocava!

Só quando chovia e porque, dizia-se, vinham cussos na corrente, é que alguns se atreviam a enfrentar o risco da aparição do cambungú... Se ele aparecia mesmo, silenciava no alto da barroca, magro, anguloso, como um diquixi de madeira. No rosto ossudo, os olhos redondos brilhavam febris sobre uma barba castanha. Os garotos ficavam transidos, sem reacções, prensados entre aquele olhar fixo e imperativo, e o fundo vermelho do buraco.

Azar...! — repetiam com a voz tremente quando escapavam.

Em certa ocasião teve uma explosão nasal para o Zeca e o Neco, que esgaravataavam distraidamente no fundo da barroca, uns imbricados monturos de coisinhas bambas. «Fora chafurdos!». — Sob o impacto daquele grito, eles dificilmente perceberam a separação dos termos, porque os sons se juntaram nos seus ouvidos tensos, enrolados uns nos outros, formando um volume único.

No dia seguinte o Zeca, porque a mãe dele, a D. Brízida, andara no liceu, explicou com arrogância e ódio que «chanfurdos» era uma quimbundisse do velho negro. O Neco concordou, vingativamente, embora não reconhecesse absolutamente perfeita semelhança entre aquela palavra e os sons que lhe tinham ficado gravados nos ouvidos. Mas enfim, devia ser quimbundisse, pois também o criado dele, o Catuto,

metia muitas palavras na conversa, que a mãe lhe proibia de imitar, porque eram de quimbundo. Além disso aquele andava sempre mais roto e sujo que o criado dele, e nem se lavava!

Às vezes de cima do quintal de sua casa, o Neco olhava a cubata isolada e cismava. Porquê que as donas do Quinaxixe não o ignoravam ou desprezavam, como faziam com aqueles pretos velhos e cegos, que deambulavam pela cidade, atrás de meninos magros e agarrados às extremidades de varas longas, castanhas com desenhos negros, que vendiam para cabos de vassoura. Porquê que elas os desprezavam? Coitados, ainda por cima eram cegos! Mas àquele velho mau, ainda mandavam comida e presentes... Era certamente uma injustiça, aquela preferência insólita.

Na casa da D. Zulmira, quem estava incumbida de levar as ofertas ao velho Pedro era a Benjiquisse. Enchia todas as semanas uma quinda pequena, ante o olhar desolado do Neco que não compreendia porque é que auxiliavam aquele homem que devia ter combinação com os feiticeiros. Tanto desperdício! E por sua conta ia às furtadelas, atenuando o prejuízo, ratando o fornecimento, diminuindo o número de mandiocas, surripiando um punhado de arroz ou ginguba. Quando o não conseguia, porque a Benjiquisse por fim já andava mais atenta, simulava acidentes contra as suas pernas fortes e luzidias, o que fazia perigar o conteúdo da quinda equilibrada na cabeça. Eram protestos inúteis, mas convictos: «Oh! Neco tu

não vês que ele não é igual aos outros!». D. Zulmira, branca de condição, mas mulata de nascimento, presentia com alguns remorsos aquela activa animosidade do filho, e lançava água na fervura, falando-lhe vagamente do passado de um homem rico, que o velho Pedro tinha sido há muito tempo, das suas viagens, e de um filho mulato que ele também tinha no Brasil. E um dia acrescentou com energia como utilizando um argumento decisivo: «Olha ele até sabe francês!

O Neco não acreditou. Se ele era tudo isso porque é que passava os dias no escuro da cubata a falar com as almas e a viver de esmolas. Tanta admiração não tinha fundamento.

Mas talvez não fosse admiração. Fosse medo, e quisessem evitar que ele viesse à porta de casa, silencioso, autoritário, chamar-lhes chafurdos e exigir comida. A esta ideia o Neco estremecia e reconsiderava.

Verdadeiramente assustado ficou certo dia, quando D. Zulmira mandou a sua irmã Juju, com uma cartilha e uma pedra negra para o cambungú. Juju ficou aflita. Chorou muito. D. Zulmira ainda tentou explicar-lhe que aquilo era para o bem dela. Ela não compreendia e teve que apanhar. Tudo um exagero!

O Neco reprovou interiormente aquela iniquidade. Não podia admitir que aquelas ameaças veladas que já há tempos a mãe vinha fazendo, para limitar as traquinices da Juju, pudessem ser concretizadas. Ficou trémulo a um canto, choroso e abatido, pensando que

também o entregariam algum dia ao Fatal que cantava à noite na avenida do cemitério, se ele continuasse a fugir para vadiar. Felizmente a Juju saiu ilesa. Voltava até sorridente, gritando, enchendo anasaladamente a casa de ã e i o u. Dizia muitas vezes o Sr. Pedro p'raqui, o Sr. Pedro p'rali, em vez do velho Pedro e mostrava a toda a hora os bonecos coloridos da Cartilha Verde. O Neco ficou decepcionado.

Esperava sôfrego a todo o momento que alguma monstruosidade do velho confirmasse os seus temores. Espiava ansioso o rosto da irmã, os gestos e a linguagem e continuava desiludido. Ela continuava gorgoeante e despreocupada como uma celeste saltando de ramo em ramo.

Às vezes regressava com o Zeca que também tinha sido castigado com o velho e que lhe falava dos novos companheiros, pretos e mulatos, graúdos e basculeiros que passavam os intervalos a lutar. Mas do cambungú nada! Parece que tinha desaparecido. Falavam de um Sr. Pedro, brando, que ensinava a ler na cartilha e soletrava pacientemente o *b a - ba*, como se falasse com as almas dos meninos traquinas. «Diz também umas palavras difíceis», cochichou um dia o Zeca muito sério, enquanto entrelaçava uma cadeirinha de capim. E que na aula anterior dissera para um dos seus colegas grandalhões. «Vai deitar esta carta no receptáculo do correio.»

E como o Neco demonstrasse espanto por não ter compreendido, garantiu, satisfeito com a surpresa, que

sim, que era no re-ceptá-cu-lo e carregava com firmeza nas sílabas, porque a sua mãe lhe informara que existia e que até lhe explicara o uso do receptáculo.

O Neco sentia enovelar-se o entendimento. Até o seu amigo o deixava entregue sòzinho àquele medo e ódio antigo, que ele esquecera tão depressa. Sentia-se humilhado e desamparado perante aqueles olhos redondos, inquisidores, que pareciam brilhar sempre de febre. Mas porque é que ele não tentava também enfrentá-lo?... Aquela ideia acudiu-lhe de repente ao notar o sorriso de orgulho do Zeca, e deixou-o pálido. Se a Juju o tinha conseguido... (Quando D. Zulmira dava purgante de óleo de rícino aos dois, ele nunca desejou ficar para trás em decisão, depois da irmã o tomar. Ficava sempre com uma agradável sensação de alívio depois de se superar, o que lhe dava confiança). Porquê não tentar então?

Seria verdade que ele não fazia mal, e que antes tinha sido rico e que se vestira bem antigamente? E que sabia francês? Começou a imaginar o francês como algo de muito importante.

O prestígio que se adensava à volta de um mito de sustos e pesadelos, transformava-se lentamente e renascia de vagar como uma madrugada, sob um complexo de dúvidas «coma é que um negro, pode saber aquilo tudo?» e de pena «porquê que ele tinha ficado tão pobre?»

— Mamã porque é que o Sr. Pedro anda sempre tão roto?

— Ora, sei lá!

Manter-se-ia sempre insolúvel a razão daquele abandono. Não. O Neco queria conhecê-la, pesquisar o fundo daquela existência solitária como o fazia nas barrocas e descobrir também entre os detritos impres-táveis, acumulados pelo tempo, o tesouro escondido, as sobrevivências do passado. Mas junto da mãe, do pai, do Sr. Ferreira, olhava os seus rostos impacientes, o seu aborrecimento e tinha a certeza que eles nada lhe diriam. Imaginava até as suas respostas: «Tenho mais em que pensar» — «Ora..., deixa lá os negros», como o Sr. Ferreira lhe dizia com a voz de trovão sempre que ele lhe fazia alguma pergunta sobre os criados. Conformava-se de má vontade.

Mas se ele tentasse aproximar-se sozinho. Porque não tentar sozinho? A ideia repercutiu-lhe com mais sonoridade e não o afligiu tanto.

Quinta-feira a Benjiquisse voltou ao Sr. Pedro, e o Neco ante a surpresa da mãe insistiu em querer ir e agarrou com energia num mamão. E foi. Humilde com o mamão à frente, para que o velho lhe percebesse a intenção. A criada pelo caminho ainda tentou assustá-lo com o espírito da barroca. O Neco disparatou, irritado e nervoso.

O velhinho tinha deixado a cubata onde dava a aula, e fora colocar o fogareiro mal aceso no alto da barroca, onde o vento atearia o fogo facilmente. Virou a cabeça lentamente e mal os olhou quando a Benjiquisse muito viva e já familiarizada o cumprimentou em quimbundo. Não respondeu.

O Neco um pouco envergonhado com a irreverência da criada pousou o mamão junto da quinda abarrotada. Porquê que ela foi logo cumprimentar em quimbundo, pensou angustiado. Ele não teria gostado? Iria talvez pensar que ele o julgava algum daqueles velhos que vendiam vassouras, um maluco. Mas súbitamente ele voltou-se e o Neco baixou os olhos com medo de enfrentar aquele rosto de diquixi, que ele temia. Viu depois a sua sombra caminhar e parar junto de si. O coração pulsava-lhe desordenadamente e ele mal sentiu que uma mão negra e enrugada se pousara no seu ombro. Levantou então timidamente a cabeça. Os olhos redondos do Sr. Pedro brilhavam febris, mas ele sorria. O Neco estremeceu. E no acordo que os seus sorrisos selaram ia nascer o Sr. Pedro, e desaparecia o cambungú das barrocas.

# EXAMES DA 1.<sup>A</sup> CLASSE



Naquela manhã caiu sobre o Gigi, ainda mal desperto, a excitação de toda a casa. D. Angelina, sempre muito enérgica, redemoinhava entre os criados, despendendo ordens rápidas e contra-ordens imediatas e, pelo meio, alguns bofetões que a criadagem recebia espantada, sem compreender. Porquê naquele dia toda aquela confusão, entreolhavam-se. Mas logo a voz alta da patroa lhes gritava a urgência dos preparativos da toalete do menino.

O capacete foi exigido num tom tolerante, porque Gigi ainda esfregava os olhos de sono, mas a criada Laurinda suportou azedos reparos, porque ainda não tinha a bata engomada. Era o dia do exame da 1.<sup>a</sup> classe do menino Gigi!

Ao Gigi, nesse dia, cortaram-lhe todas as pequeninas liberdades matinais. D. Angelina não queria naquele dia lavagens à moda dos gatos. Arrancaram-no da cama, e dentro de uma celha deram-lhe tanta safadela que o Gigi temeu que o esfolassem.

— Estes meninos da terra... — encorajava a mãe os criados pressurosos sobre o gemebundo Gigi.

Pouco depois, já mais calma, D. Angelina enquanto o penteava falou-lhe longa e carinhosamente em meninos bonitos, que passam nos exames, que estudam muito e que se tornavam pessoas ricas e consideradas. Gigi ouvia-a admirado mas receoso. Mas porquê que a mãe lhe estava a falar assim? Nunca se tinha importado... Quando por fim ela lhe exigiu com firmeza que deveria passar no exame, então compreendeu.

Lembrou-se da azáfama passada, olhou a bata muito branquinha, os sapatos das ocasiões importantes, os rostos dos criados sorridentes e mesureiros como à espera de alguma coisa, tudo tão diferente dos dias anteriores, calmos e rotineiros, e amedrontou-se. Choramingou.

D. Angelina tentou acalmá-lo e deu-lhe um aparo novo, um espinho de quiombo (com que se fazia boa letra, dizia), um beijinho, fez-lhe o Sinal da Cruz e mandou-o embora sem mais nada.

Dolorido, porque os sapatos lhe faziam bolhas por serem largos (ele estava a crescer e não podiam estar sempre a comprar sapatos novos), verificou ao chegar à Escola 8, pelo aspecto sério e compenetrado dos colegas de aula, que também a eles lhes fora dado conhecimento da gravidade da ocasião. Batas muito brancas, as riscas dos penteados muito direitinhas e alguns até com óleo no cabelo. Deviam também ter

recebido canetas, beijinhos e borrachas novas, pensou Gigi.

Estavam encostados na comprida varanda de madeira da escola e esperavam muito quietos, como pintainhos molhados.

O Gigi viu Arlindo entre eles e acenou-lhe desanimadamente. O Arlindo era o seu companheiro predilecto, um caxitense tímido, e com o qual a professora embirrava. Respondia às perguntas que ela lhe fazia como se estivesse a pedir perdão. Muito pobre, andava sempre com a bata rota, e a D. Ruth ainda por cima teimava que ele tinha mais piolhos do que os outros. Nos intervalos das aulas, enquanto o Gigi lanchava, olhava-o como hipnotizado e não podia esconder a fome. Quis pôr cassumbula. Gigi não aceitou. Ele quase nunca trazia lanche. Às vezes aparecia só com uma fatiazinha de quicuanga mas não dava a ninguém. Gostava de contar histórias dos jacarés do Dande, que agarravam pessoas e as mostravam três vezes antes de as levar para as profundezas do rio. Gigi então acamradava, impressionado. Também se lembrava de brincadeiras antigas da Ngana Hima e Tuia mu ibanga. Um dia perdeu a timidez e cantou. Era uma canção melancólica que falava de andorinhas, flores e amor à luz de uma candeia. Tinha-a ouvido à noitinha, de um vizinho branco, pobre como ele, que morava no S. Paulo e transmitia um terno sentimento de esperança numa vida feliz. Estendera-se até junto de si, fraterna, como um destino comum e ele cantava-a sempre que se sentia triste. Gigi ouviu-a emocionado

e nunca mais lhe recusou metade da merenda. Mas naquele dia até ele segurava, muito encolhido, como se estivesse envergonhado, a sua bucha de pão com ovo!

O carro que trazia o Higino parou pouco depois, levantando poeira. Ele saiu também atemorizado, sob a mão do pai, com os seus cabelos muito negros e brilhantes, alisados com azeite, que lhe escorria pelo pescoço e engordurava a bata quando fazia muito calor. Entrara para a Escola 8, com uns compridos caracóis de menina que embranqueceram com o lendeaço. O pai dele teve que os sacrificar, mas queixou-se dos colegas do filho, a quem atribuía a culpa, sobretudo os do Bairro Operário.

Estes já tinham todos chegado e eram os menos constrangidos, talvez por alguns repetirem o ano. Uns sabidos para as fugas embora a escola ficasse mesmo em frente dos olhos das mamãs! «Uma raça atravessada! Não estou disposta a aturar isto...» dizia a D. Ruth quando lhes batia. Eram na grande maioria meninos mulatos e pretos, mal trajados e andarilhos que vinham das fugidas às barrocas do Bungo, carregados de tambarinos e figos de piteira.

O continuo João surgiu naquele momento e começou a gritar que se reunissem em frente da sala 2, a fim de esperarem pela chamada. Gigi olhou-o com espanto porque não lhe parecia o João dos outros dias, que se humilhava para esmolar algumas ofertas da sua mãe. Tinha adquirido arrogância, e recomendava continuamente silêncio, embora sem necessidade.

Entraram por fim para uma sala diferente. Esperavam-nos dois professores desconhecidos que, diziam, pertenciam à Escola Emílio Monteverde. Gigi olhou-os com antipatia e temor, porque começaram logo por desprezar a ordem antiga na colocação dos alunos.

Sentaram-no numa carteira perto da janela que dava para a estrada do cemitério, no meio de colegas que até ali tinha ignorado. Sentiu-se desnorteado, inseguro. O Arlindo lá estava também ao fundo da sala, tão enfiado como ele, e nem se atrevia a levantar a cabeça. Gigi subitamente sentiu saudades das aulas da D. Ruth, livres, nas quais só era exigida presença. Algumas vezes ela iniciava uma lengalenga cantada, que era a tabuada de somar, e que eles retomavam ruidosamente, mais pelo gosto musical e necessidade de se expandirem. Ele então aproveitava a oportunidade e na confusão cantarolava com variações:

*lálalá lá lólóló ló .....*

Às vezes a professora procurava dar certa seriedade à lição e, com ar carrancudo, enfileirava-os e armada de uma vara de amoreira ia indagando o que é que dizia a música. Acabava por desistir, furiosa, ao verificar o fracasso do método. «Não estou para aturar rufigem...!»

Mas eles irão perguntar aquilo? A pergunta surgiu de repente e o Gigi procurou com os olhos a resposta

nos rostos dos colegas que, afinal, pareciam tão inquietos e interrogativos como ele.

Era meio-dia quando a criançada saiu, sem pressa, sem gritos e sob uma suspeita dolorosa.

— Então...? — perguntavam entre si.

— Então... — respondiam, encolhendo os ombros. Como haveriam de saber? A conta de somar tinha tantos oitos e noves...

\*

\*

\*

O júri abandonou a Escola 8, horas depois. O sol calcinava a terra batida, amarfanhava intenções e sentimentos e pousava na areia vermelha vagas quase líquidas de calor.

Passada a solenidade do exame, o Arlindo e o Gigi tinham-se descalçado e as batas já tinham a cor dos outros dias. Tinham-se refugiado sob o edifício de madeira da escola, erguido sobre colunas de cimento, e enquanto esperavam viram passar os professores apressados, protegendo-se com os livros do sol inclemente. O calor adormentara-lhes a impaciência e eles viram-nos desaparecer, sem emoção, continuando sentados no chão, encostados às colunas, fazendo desenhos na areia.

— O que é que eles puseram lá...? — perguntou o Arlindo sornamente, como desinteressado da resposta.

— Oh... — encolheu os ombros o Gigi, sem sequer se dar ao trabalho de pensar na importância da pergunta e prestando atenção aos passos que se ouviam na varanda.

— Devem ser os resultados! — disse, erguendo-se e espreitando pelas frestas das tábuas da varanda.

Pouco depois, misturados aos colegas, apinhavam-se à volta das vitrines em grande alvoroço. Cambuta, o Gigi perdia-se na confusão e não atinava com a sua classificação.

Nas listas extensas e afixadas alto, os nomes amontoavam-se em letra difícil, com tracinhos perpendiculares à frente. Os tracinhos queriam dizer aprovado, discutia-se, mas os que estavam em baixo das palavras escritas com tinta vermelha queriam dizer, chumbado.

O Gigi, aflito, agarrava-se aos mais velhos, mas esses, eufóricos, libertavam-se, pulavam de contentes e sumiam-se a correr. O que é que eu hei-de fazer, pensava, impotente. Socorreu-o o contínuo João, que depois de algum tempo lhe gritou:

— Aprovadoé...

— Quer dizer, passei... para a 2.<sup>a</sup> classe?

Após a afirmativa o Gigi lembrou-se da alegria dos colegas e começou a pular, a gritar, empurrando o Arlindo que, ansioso, esperava também a sua sentença, da boca do contínuo.

Este, com o dedo grosso apoiado no vidro, procurava inutilmente seguir a linha em que estava o nome

do Arlindo e relacioná-lo com a sua classificação. Fez algumas tentativas e acabou por dizer simplesmente: — Tu não.

Para os dois amigos fez-se à volta um silêncio que não existia e eles entreolharam-se, com os olhos muito abertos, mas súbitamente cegos. Aquela revelação de repente parecera-lhes sem significado, mas oprimia-os como um peso. Dizia no entanto, brutalmente, que eles se iriam separar. E os seus olhares transmitiam a incompreensão por aquele desenlace que intuía terrível, recordando o fervor com que as suas famílias lhes tinham feito conhecer a importância do exame.

Mas depressa o Gigi se sentiu agitado pelos encontros dos colegas e os seus ouvidos voltaram-se a encher das vozes e dos gritos em redor. Lentamente foi retomando a sua animação anterior e começou a dissipar-se nele a angústia do amigo. Momentos depois, tentava inocentemente comunicar-lhe a sua alegria, simulando as brincadeiras antigas, cantando.

O Arlindo olhava-o mortiço, seguia-o dõcilmente e ao ouvi-lo cantar, sorriu com timidez antes de começar a chorar.

# A MENINA VITÓRIA



Transferiram-no no meio do ano lectivo, para o colégio do Bucha Beatas, por causa dos piolhos da Escola 8 e da prosódia, em que os professores o achavam muito fraco.

O Sr. Sílvio Marques embora pouco exigente consigo em relação à pronúncia — trocava amiúde os vv pelos bb — era no entanto muito cuidadoso a fechar as vogais. Ralhava severamente o Gigi sempre que lhe ouvisse algum desconchavo, ou então abria-lhe muito os olhos, o que significava o mesmo. Também os amigos dele aos domingos, debaixo da mulembeira e entre uma ou outra jogada de sueca, comentavam as incorrecções do Gigi. E sibilavam (alguns eram da Beira Alta) lamentando que a pronúncia do garoto se estragava, que era preciso afastá-lo da companhia dos criados e dos colegas dos musseques. Todos concordavam que era pena, porque ele já se podia considerar como um branco, embora D. Angelina fosse mulata, mas enfim... era senhora de princípios. O Sr. Sílvio ouvia-os atento, e considerava conscienciosamente

a crítica, porque afinal se tratava do futuro do seu secretário, como dizia referindo-se ao filho.

Assim, embora com sacrifício porque o colégio era caro, a transferência teve que se fazer. Mas valia a pena, anunciara a mãe às vizinhas. «Aqueles meninos muito arranjadinhos, levados pela mão dos criados, e alguns até de carro...! Que diferença!» — exclamava, não escondendo a vaidade, no dia em que o levou ao colégio.

Gigi ganhou roupa nova, uma sacola bordada e muitos conselhos de D. Angelina, que se afligia com a sua aparência. Mas da mudança mesmo o que o Gigi mais gostou, foram dos passeios na moto com carro lateral, em que o pai o levava ao colégio. O assento era tão baixo que pelo trajecto ele podia apanhar pequenos tufos de capim. Isso passou a ser a sua única alegria, porque o Gigi estranhou o colégio.

A professora da 3.<sup>a</sup> classe, a menina Vitória, era uma mulatinha fresca e muito empoada, que tinha tirado o curso na Metrópole. Renovava o pó de arroz nas faces sempre que tivesse um momento livre, e durante as aulas gostava de mergulhar os dedos nos cabelos alourados e sedosos de uns meninos que se sentavam nas primeiras filas.

Olhou-o com desconfiança e depois do primeiro exame mandou-o para uma carteira do fundo da aula, junto de um menino com cara de puto, a quem chamava cafuzo, por ser muito escuro. Mas o menino cafuzo chamava-se Matoso, o que, de início, pareceu ao Gigi

insuficiente para justificar o seu mutismo. Vergado na cadeira, não tirava os olhos do livro, nem mesmo quando a menina Vitória se referia a ele, quase sempre com desprezo, ao recriminar outro aluno. «Pareces o Matoso a falar...», «Sujas a bata como o Matoso...», «Cheiras a Matoso...», — e ele grudava-se cada vez mais à carteira, transido por aqueles comentários impiedosos.

Fora também transferido da Escola 8, e mesmo no dia da apresentação a menina Vitória não escondera a sua má impressão, com alusões veladas à sua bata de brim grosso. Porém o seu azedume cresceu quando, tempos depois, o Matoso lhe respondeu distraidamente em quimbundo. «O quê, julgas que eu sou da tua laia...!?» Daí por diante o seu nome era jogado pela aula com crueza, criando um símbolo maldito, que o Gigi mais tarde, atemorizado, reconheceu facilmente. Era uma imagem familiar. Estava muito perto de si e dos seus companheiros do Quinaxixe. Mas porquê que ele irritava tanto a professora e lhe merecia aquela troça? O Gigi retraiu-se.

Olhava para os colegas de soslaio, inseguro. Eles iriam troçar também dele, da sua bata modesta de brim, dos seus sapatos puídos, quase rotos? E não respondia quando a menina Vitória o chamava à lição, receando um despropósito que o identificasse com o Matoso. «Vêm para aqui neste estado e depois querem milagres!» — suspirava a professora. Era com certeza do método de ensino da Escola 8, ou da sua

influência perniciosa. Mas tolerava-o lá no fundo da aula. E o Gigi diminuía-se ainda mais para não se tornar notado, esforçando-se num mimetismo impotente por imitar os gestos dos meninos da baixa. Tenho que ser como eles, reflectia no recreio, afastando-se dos alunos da 4.<sup>a</sup> classe que eram, na maioria, os seus companheiros de vadiação do Quinaxixe. Ficava então a jogar com os estames dos botões que caíam das acácias, e reprimia a vontade de trepar ao cimo delas, para colher os botões compridos de estames longos e curvos que venciam todos os outros. Bocejava enquanto brincava com o balanceio das anteras e via-as cair sem entusiasmo. Depois submergia de novo na turma e só um ou outro desatino o fazia surgir à tona. «Muxixeiro na redacção... que coisa é esta...!?» — alarmava-se a menina Vitória, considerando o neologismo inferior. E a meninada da baixa ria e surriava, porque na baixa não tinha muxixeiro. Gigi torcia a cara, enganhava com medo de explicar. Calava-se. Mas fixava prudentemente o reparo.

Nas suas redacções vagueava então tímido sobre as coisas, com medo de poisar nelas, decorava os nomes das árvores, das aves, dos jogos descritos no seu livro de leitura. Procurava esquecer o colorido vivo das penas dos maracachões, dos gungos, dos rabos-de-junco que ele perseguia na floresta e cujo canto escutava trémulo atrás dos muxitos, o sabor ácido dos tamarinos que colhia sedento, o suor e o cansaço das longas caminhadas pelas barrocas, a emoção dos seus

jogos de atreza e cassumbula. Imitava passivamente a prosa certinha do gosto da menina Vitória. Esvaziava-a das pequeninas realidades insignificantes que ele vivia, das suas emocionantes experiências de menino livre, agora proibidas e imprestáveis.

Quando o Matoso lia submisso a sua redacção, onde pintassilgos gorgeavam e debicavam cerejas amarelas (o Matoso explicara-lhe num recreio que as cerejas eram as gajajas do putu), intimamente o Gigi perguntava-se onde é que ele tinha descoberto tudo aquilo. «Cada vez pior...!» — rezingava a menina Vitória, que não se compadecia com os enganos. E continuava a erguer à volta do Matoso, implacavelmente, um círculo intransponível de desprezo, onde ele já não se debatia, nem chorava. Apenas no rosto as suas feições endureciam sob a pressão dos maxilares contraídos. Exasperava-a.

Tenho que andar pouco com ele, pensava preocupado o Gigi. A professora pode virar-se contra mim. E fugia, afastava-se também da sua companhia, deixando-o abatido, solitário, dentro das suas ruínas. Tinha medo de enfrentá-la. Precisava de esconder o segredo ilegítimo do seu passado igual. Precisava de o dissimular para que não fosse destruído. «Mulatona... nem cabrita é...» — insultava-a furioso à tardinha quando regressava a casa. E até à noite, descalço, gritava pelo bairro junto dos seus camaradas do Quinaxixe a sua juventude ameaçada, correndo, bassulando, assaltando as quitadeiras de quitetas.

«Restos dos maus hábitos...» — lamentava-se D. Angelina. A gradual sisudez começava a animá-la e por isso não compreendia aquelas súbitas erupções de revolta. «... mas o colégio leva-o à ordem!» — confiava. Realmente a menina Vitória, como uma gibóia enlaçada em cima da árvore, vigiava-lhe os mais pequenos movimentos.

— Higinio, a tua redacção?

O Gigi naquele dia estava contente com o seu trabalho. O tema era sobre uma figura importante do Governo e ele não esquecera os adjectivos mais expressivos que na véspera a professora tinha proferido. Isso dar-lhe-ia com certeza satisfação. Os meninos da baixa, mais libertos da coacção da professora, não tinham sido convincentes, limitando-se a referências distraídas, o que a tinha irritado.

Embora confiante, o Gigi estremeceu ao ouvir o seu nome. Que diria ela, pensava agitado, depois de lhe ter estendido timidamente o caderno. Enquanto a via ler atreveu-se a tentar decifrar-lhe no rosto algum indício revelador, mas a menina Vitória parecia de pedra. Reparou-lhe então nos lábios pintados e nas linhas muito definidas dos seus contornos que pareciam emoldurar o *baton*. As sobrancelhas aparadas e finas afastavam-se das órbitas por um traço de carvão, e isolavam uns olhos castanhos — barrentos como a água da lagoa do Quinaxixe. Mas súbitamente eles abandonaram o caderno e voltaram-se para si, perplexos. Apanhado em flagrante, o Gigi baixou

a cabeça. A menina Vitória olhava-o silenciosamente e os alunos da classe, presentindo algo de estranho, apagaram as conversas. Esperavam. Gigi esperou também e as comissuras dos lábios entreabriram-se num sorriso de confiança.

— Com que então pretendes brincar comigo...? — ela falava-lhe friamente.

Gigi empalideceu. Alguma coisa tinha falhado. Mas o que é que poderia ter sido? Estavam lá todos os louvores pelas pontes e estradas que ele construía. Ter-se-ia esquecido de algum facto importante? Olhou o caderno que ela lhe devolvera, aberto nas mãos, mas não distinguiu as letras súbitamente misturadas. A acusação, porém, veio sem tardar, inexorável, imprevisível. Como é que ele se atrevera a tratá-lo por tu! Como é que ele tivera o arrojo de o nomear com um simples artigo definido!?

— Ouve lá..., tu julgas que ele anda sujo e roto como tu, e come funje na sanzala...?

— Não... não..., não é... — gemia o Gigi, desnor-teado, tentando estancar o fluxo daquelas insinuações que ele temia.

De repente exhibia-se aos olhos dos colegas, deformado como uma caricatura, o compromisso irrecusável que circulava no seu sangue e que até ali inútilmente escondera. Uma vaga de calor inundou-lhe o rosto e invadiu-o levemente uma sensação entorpecente. Os seus ombros encurvavam-se. Sentiu-se muito fraco. Já nada tinha que disfarçar, mas estava triste

perante a luta que pressentia. Mas porquê, porquê que ela, logo ela, o queria humilhar? Ela que tinha carapinha. Ela que era filha de uma negra, pensou com furor. Os seus músculos crisparam-se e o caderno começou a amarrotar-se-lhe nas mãos. Depois mal sentiu a violência da palmatória. Só nas faces a queimadura viva da humilhação, só nos ombros a responsabilidade da sua condição, de que ele não tinha culpa, mas que queria aceitar mesmo dolorosa como as pulsações que lhe ressoavam nas palmas das mãos inchadas.

E na carteira chorou. Chorou de raiva, da dor que lhe nascia da piedade dos colegas e da vergonha de não poder esconder a sua angústia, com os olhos secos, enxutos, e orgulhosamente raiados de sangue, como os do Matoso.

# ALMAS DO OUTRO MUNDO



O dia fechou a cara e deixou que a noite viesse gemebunda para os lados do cemitério. As casas encerravam-se nos seus largos quintais já invadidos pelas sombras e agitavam timidamente como a repeli-las, trémulas luzes dos candeeiros a petróleo. Ressumava dos muros do cemitério uma luz fria e a noite petrificava-se ali, num rectângulo branco, que punha na vizinhança da casa do Canelas uma área de solidão, que os trabalhadores do Bairro Operário evitavam quando regressavam à tardinha.

Cangundinho caminhava apressado, com os maxilares contraídos, duros, na intenção de atravessar as obras da Bricon. Só dera pelo tempo quando o sol ao declinar cobriu a água com uma capa leve, amarelada. Na praia da Rotunda os outros garotos já tinham partido, quando ele chamou pelos companheiros, que esquecidos ainda nadavam na água morna da tardinha. Estava atrasado e aquele caminho era o mais curto para casa. Roçava pelos muros do Cemitério, mas ele prometera aos amigos que tinham ficado no Bairro

Operário, que passaria por lá sozinho. Não tinha medo nenhum!

O Zeca caminhava na mesma direcção e não prometera a ninguém que faria isso tão tarde. Distraíra-se simplesmente na casa do Jorge a jogar às figuras e nem dera pelas horas. Agora teria que andar rápido, sossegar a mãe que estava doente. Ela certamente já estaria a perguntar por ele ao criado. Mas aquele atalho ia dar ao Cemitério pensou inquieto, ao notar que caminhava na direcção das obras da Bricon. Estava escuro e não se via nada. Talvez fosse bom arrepiar caminho, reflectiu prudentemente.

Cangundinho estava orgulhoso da sua decisão. Bem o Tónico o tentara impressionar quando vinham da Rotunda e subiam as barrocas. Que só os feiticeiros é que deslizavam à noite pelas cercanias do cemitério para bungular, que arrancavam as unhas dos mortos. Assim é que o feitiço tinha força, dizia. Também o Zé Gungo (a alcunha viera-lhe do hábito de morder quando lutava), ajudou. Que era verdade. Que andavam nus, com o corpo untado de azeite de palma. Ele ouvira-os sobranceiro. Via um ardil para o amolecerem. Dominava-os nas bassulas, vencia-os nas fimbrias e sobretudo o Zé Gungo estava surucúcu, por ele lhe ter cassumbulado todas as matonas da pesca. Não. Endureceu mais e segurou bem firme o fio das matonas. «Eu cá não tenho medo nenhum!» — exagerou um pouco.

O Zeca hesitava. Desviando-se para a esquerda evitaria o cemitério, mas lá estava fatalmente a Casa

dos Santos. No bairro diziam que aquele que ouvisse as estátuas a conversar, perdia a fala, para não poder repetir o que tinha escutado. Não, daquele lado parece que ainda era pior. Afinal de contas estava ali com o coração a bater, e nem sequer conseguira ganhar a fotografia do Douglas Fairbanks vestido de corsário, pensava desalentado. Olhou desconfiado para os lados e procurou descobrir a fogueira do guarda das obras da Bricon. Naquela direcção, porém, só apareciam as luzes da casa do Canelas. — Paciência, vou tentar por aqui... — murmurou tão baixo, que parecia ter ouvido apenas o seu pensamento.

«Tu não tens medo é porque és cangundo» — resmungava o Zé Gungo, que não se conformara com a perda das matonas. (Iria, talvez, ficar sem jantar porque o Sr. Carneiro já não fiava na mãe). Vingava-se assim, irritando o companheiro. «Cangundo sim...!» — fazia alusão à cor de Cangundinho donde lhe nascera a alcunha, embora ele fosse mulato. Cangundinho não gostava. Se se submetia mais pelo hábito à brincadeira, rebelava-se sempre contra a sua significação. Irritou-se. Ele não tinha medo porque era um homem. De madrugada, já ia há muito tempo despachar peixe frito para a Funda, na estação da Cidade Alta, justificara-se. Tónico intervieria para evitar a briga. Enquanto caminhava com firmeza, Cangundinho lembrava-se da disputa e sorriu.

O Zeca estugou o passo. Sentia sob os pés descalços o chão arenoso do atalho e entre os dedos entrelaçar-se os caules finos do capim que por vezes pisava

ao desviar-se do trilho. As vozes do Bairro Operário chegavam-lhe já muito esbatidas e o regular cri-cri dos grilos tornava-se mais puro e nítido, envolto no som melífluo da brisa suave. E ele continha a respiração, atento, e movia o corpo com força para a frente, quase aos solavancos. Os seus ouvidos porém começaram a encher-se de pequenos sons estranhos que se desdobravam ténues e se uniam depois mais fortes submergindo o cri-cri dos grilos. Cada deglutição começou a soar-lhe como o baque surdo de um tambor. «Sèculo Mané, não tem medo...» — acudiu-lhe de repente a voz do velho Garopa, calma e repousante, com que ele o tranquilizava para adormecer. Mas no sangue sentia lenta e inexoravelmente aflorar, criada pelas sombras e aumentada pelos sentidos tensos, uma emoção igual à que o velho cozinheiro lhe acordava, quando à noite na cozinha, enquanto os pais conversavam à porta com os vizinhos, escutava as histórias dos jinzumbi. Então, ao deitar-se, enrolava-se nos cobertores e ainda sob o rumor ancestral das almas vagabundas, ouvia no armazém contíguo ao quarto os seus gemidos, liquefeitos no pio do mocho que se empoleirava na mulembeira do quintal. «Não tem medo Sèculo Mané. Tem almas que são boas...» — era na voz confiante do velho Garopa que ele se abandonava, até adormecer. Como ele gostaria de o ter naquele momento ao lado.

Debaixo do tamarineiro que ficava atrás do Cemitério, Cangundinho sentiu colar-se-lhe ao pé um pedaço de papel arrastado por uma lufada de vento mais

forte. Com um movimento brusco repeliu-o, mas estremeceu. As folhas pequeninas e preguiçosas do tamarineiro nem se moviam. Arrepiou-se. Tamarineiro é árvore dos espíritos! Inconscientemente correu um pouco para fugir da sua influência, mas a corrida impacientou-o. Refreando o ímpeto mordeu os lábios e sentiu na boca um gosto a sal. Parou de correr, mas os músculos mantinham-se retesados. Apalpou-os. Um sardão noctívago restolhou perto e ele deu um pulo.

— Bolas! Preciso não pensar nisto! — disse para si contrariado.

Uma picada aguda no pé e o Zeca gemeu ao retirar o espinho. Contraindo-se, porém, apreensivo. O gemido parecia ter-se libertado da tonalidade que lhe dera e adquirido uma existência própria, como se a escuridão ao prolongar o som, o revestisse de uma dor misteriosa. Recalçou a dor que sentia e recomeçou a andar com um ritmo mais rápido. Pela aproximação da mancha branca dos muros do cemitério julgou reconhecer o caminho por onde o carro funerário do Hospital trazia os mortos para a vala comum. Então a porta de ferro dos fundos do cemitério abria-se, rangendo, e da carrinha esquiife, negra e alta, surgia uma maca, coberta por um lençol branco, recordou. Só os pés é que ficavam de fora, uns pés pretos e exangues, que eles despejavam numa enorme boca de terra e cobriam de cal. Seriam agora almas penadas? «Sèculo Mané tem almas que são boas... »

Inútil. Não podia deixar de pensar naquilo. Sentia retinir nos ouvidos o menor sussurro. Seria a cabeça de alguém aquele vulto que espreitava por cima dos muros do cemitério? Talvez o ramo de alguma árvore, procurava convencer-se Cangundinho. Acorriam-lhe pequenos medos que esquecera, as emoções rápidas e agudas das corridinhas na noite quando fugia para casa do vizinho e a rua estava cheia de contornos suspeitos, uivos e os chamados das histórias dos quifumbes que vendiam cabeças cortadas nas fábricas de açúcar. Torceu com força o fio em que enfiara as matonas. Precisava firmar os músculos em algo tangível. Uma angústia antiga subia-lhe à garganta e causava-lhe dores no pescoço.

Mas aquela promiscuidade de destroços, imprestáveis, despejados como lixo, amontoados e descarnando-se entre sorrisos brancos de outras caveiras, indistintos num alvoroço de membros enrodilhados, ficaria impune? Seriam boas aquelas almas? pensava o Zeca. Não buscariam culpas agora que eram mais fortes?

Os dois jovens caminhavam então como autómatos, movidos pelo impulso inicial do qual já mal percebiam os contornos, e os músculos tornavam-se rebeldes sob as vontades obstinadas. A noite enchia-lhes os olhos e os pensamentos fugiam da realidade, corriam entre sombras, ganhavam fluidez e bafejavam as coisas e os seres do dia-a-dia que perdiam as cores e o sentido.

O Zeca súbitamente viu a fogueira do guarda da Bricon, meio apagada, e não suportando mais a tensão, arrancou velozmente na sua direção, tropeçando ruidosamente num monte de burgaus.

O barulho insólito descontrolou Cangundinho que vinha perto, e uma força desconhecida impeliu-o, também, desordenadamente, para a frente, numa corrida alucinada. Chegou ofegante junto da fogueira, no momento em que o Zeca desembocava da esquina de uma construção vizinha.

— Ahn..., és tu... — reconheceu-o, sem fôlego.

O guarda que, acororado, assava batata doce, olhou-os surpreso, mas percebendo pelas feições descompostas dos jovens que estavam emocionados, levantou-se e indagou inquieto:

— Tem alguma coisa no caminho...?

Mas a pergunta ficou suspensa entre os olhares dos dois rapazes que se fitavam muda e persistentemente. As suas expressões transmitiam arfantes toda a desordem interior que se estabelecera nos seus espíritos durante o caminho.

Os lábios do Zeca tremeram e distenderam-se levemente, mostrando os dentes, num rasgão branco que pretendia ser um sorriso, mas o rosto de Cangundinho mantinha-se inalterável. Estava humilhado. A presença do amigo restituía-lhe a consciência da sua força, a sua arrogância peculiar, mas testemunhava também, pensou com fúria, a agitação que lhe transparecia no rosto, as reminiscências comuns daquele pânico. Ele, o Zeca, sabia que fora sob a pressão do

mesmo medo que estava assim descomposto, porque também se assustara com os vultos que pareciam almas e com os ruídos que imitavam vozes. Não podia dissimular. E continuava ali em frente a sorrir-lhe cúmplice, compartilhando o seu medo, lembrando a impotência dos seus músculos.

Então Cangundinho avançou e bateu-lhe com os punhos, violentamente, na barriga e no peito. O Zeca recuou com a boca entre-aberta de dor e de espanto, e atirou instintivamente o braço para a frente. Cangundinho sentiu no peito a pancada e parou.

— Einh! agora o que é que tu pensas...? — perguntou, contendo um sorriso arrogante nos lábios apertados. O peito erguia-se-lhe já confiante e os músculos ganhavam a antiga rudeza. Já não sentia medo. Crispava os músculos e eles transmitiam-lhe força e segurança.

Vergado pela dor, o amigo respondeu à zombaria com um soco desesperado e aguardou firme a sua investida. Mas Cangundinho, enquanto limpava o lábio ferido na manga da camisa, limitou-se a repetir com lentidão:

— ...e agora o que é que tu pensas...? — libertando por fim o sorriso numa gargalhada ampla, que lhe alargou ainda mais o seu rosto quadrado.

O Zeca ainda encolhido na defensiva reconheceu o riso do amigo e devagar foi distendendo os braços e teve então um acesso de riso nervoso. Reencontrava também o corpo. Enfrentava a situação, e as coisas recuperavam as suas formas falíveis.

E quando os dois amigos seguiram tranquilamente para o Quinaxixe, o guarda, boquiaberto pela rapidez daquelas situações incompreensíveis, abanou a cabeça, estupidificado, mas encolheu os ombros e aproveitou as matonas para o jantar.

Cheia de sugestões misteriosas a noite guardava no seu estojo negro o cri-cri regular dos grilos, agora nítidos e redondos como missangas vermelhas.



# QUARTA-FEIRA DE CINZAS



Quando havia luar, as duas famílias seroavam no passeio de cimento da casa dos Chaves. As donas preferiam sentar-se no próprio passeio, mas em cima de colchas, por causa das formigas pretas que tinham uma picada dolorosa. As crianças brincavam à volta em gritaria estridente. O Sr. Chaves zangava-se porque elas lhe atrapalhavam a conversa e o Sr. Sousa, o vizinho da casa defronte, esperava pacientemente que ele resmungasse e ficava depois a escutá-lo sobre o habitual assunto da cultura do tabaco.

As crianças não se interessavam por aquilo e de vez em quando, uma ou outra vinha estorvar, chorosa, para reclamar de alguma prepotência. As mães intervinham conciliadoras e os homens impacientavam-se ainda mais. Mas a interrupção não tinha grande importância porque no dia seguinte voltariam a falar sobre os mesmos assuntos. Só nos dias feriados ou de acontecimento imprevisto é que se dispensava o luar. Mas então os meninos não brincavam, medrosos, e preferiam ficar prudentemente junto das mães a jogar

às pedrinhas, ou a ouvir os comentários sobre o dia, entremeados de remendadas biografias das outras donas do bairro.

Naquele dia, o último do carnaval, D. Ana de Sousa (Donana entre os criados), arreliaava-se com eles porque ainda não tinham a louça lavada e ela já ouvia o marido conversar com os vizinhos. «— Oh! esta maldita criadagem...»

*Brincando na serra  
Enquanto o lobo não vem...*

As vozes das crianças chegavam-lhe alegres, brincando ao lobo mau. Mas quando é que estes criados querem acabar com o serviço, pensava irritada? Estava agulhada por saber se o Craveira sempre se tinha encorajado a falar à Margarida, a filha mais velha da vizinha, uma jovem alegre e roliça. Além disso queria comunicar à amiga os gabos feitos à sua cassule, mascarada de índia, com um saiote de folhas de mulembeira. «Oh.., mas estes criados! — Pois fiquem sabendo que não quero ninguém a sunguilar no quintal, depois das 11 horas...» — avisou vingativamente.

Quando D. Ana apareceu no passeio, a brincadeira dos garotos já ia adiantada e a Quinhas perguntava: «— O que é que o lobo está a fazer?» «—... a bungular...» — respondiam em coro os companheiros.

D. Ana estranhou que não fosse o filho a fazer de lobo como era habitual e procurou-o com os olhos.

Viu-o sentado no passeio um pouco afastado do grupo, encostado à parede da casa, com o queixo quase apoiado aos joelhos, meditando.

Tinha sido tão inesperada aquela despedida da Nandinha, pensava o Mário. Foi talvez por isso que ele se descontrolara. Mas se alguém viesse a saber? Iriam troçar com certeza. E ele que sentira os olhos inundados de lágrimas. Aquela suspeita magoava-o. Mas não podiam dizer que ele não fosse decidido. A sua mão ainda conservava o calor dos seios duros da criada da Nandinha e recordava os seus gemidos de dor e de volúpia quando a apalpou enquanto jogavam às escondidas.

— Não brincas, Mário? O que é que tens? Estás doente? — sobressaltou-se D. Ana.

Mário despertou bruscamente e respondeu atabalhoadamente. Que não, que não queria brincar. A vizinha interveio. Lembrou que ele devia estar cansado por ter passado a tarde nos musseques atrás das danças. O Sr. Sousa aproveitou a oportunidade para narrar uma briga que tinha presenciado entre a «Kazekuta» e os «Invejados». Pronunciava «Invejados» com as vogais todas fechadas e o Mário tinha dificuldade em associar aquele nome ao seu grupo de carnaval favorito, o mais falado, que até ia dançar no Palácio. «In-vé-já-dos» é que era, com as vogais bem abertas, e lembrava logo o estandarte bordado a cores, o ritmo próprio dos ngomas e das dicanzas, os índios com as azagaias...

— ...a Nandinha também vai amanhã para o Asilo.  
— D. Conceição (assim se chamava a vizinha) que tinha uma filha no Asilo D. Pedro V, falava da partida da filha e associava o nome da Nandinha, colega da filha, que sabia igualmente em férias.

O Mário estremeceu. Relembrou Nandinha e imaginou-a no Asilo, de muros altos, impenetráveis, vigiada pelas madres severas e inflexíveis como gaiões. Mas no lugar da tristeza, sentiu uma estranha sensação de alívio. O seu segredo ficaria ali sepultado vivo, defendido por aquelas paredes maciças e inacessíveis. Mas as meninas, do alto daqueles muros pareciam tão tristes, tão desesperadamente frágeis. Recordou mais uma vez o rosto da amiga, estático, onde só os olhos se moviam preguiçosamente muito brancos e mortiços, e o sorrir dos seus lábios sem elasticidade, passivos. Falava baixinho, aproximando-se muito, como se vivesse num mundo de segredos. Como é que ela suportaria o Asilo? Ainda ficaria mais triste? Não pressentia nela nenhuma ambição. Brincara com ela durante todo o período das férias. Ela entregara-se à ternura daquela amizade infantil, de uma forma tão livre e rectilínea, que no fim dela ficava somente ele, único. Todo o seu ardor possessivo, quando junto dela, esvaía-se numa carícia, como uma onda revolta numa praia lisa e aberta. «Um homem vai logo direito ao fim... Não sejas parvo!» Cerrou os punhos ao pensar nas palavras do Sr. Chaves enquanto lhe piscava

o olho intencionalmente, designando as criadas. Não, ela não. Ela precisava de protecção. Ela não sabia lutar. (Quando a mãe da Nandinha, no meio dos cestos de mateba abarrotados de mangas, bagres e cacussos, que lhe mandavam da Funda para revenda, enfrentava as quitandeiras em dicussões acaloradas, ela não demonstrava a mínima emoção. Continuava apática, longínqua, e acabava por lhe pedir para irem brincar para o passeio, por causa do barulho). A sua ignorância de que havia um jogo vital em que era preciso ganhar, perturbava-o. O seu pai cedo lhe transmitira essa certeza sem piedade. Punha-o de sobreaviso, em relação aos vencidos e fracos. O que era preciso era ganhar. Mas ela não parecia compreender.

— ... sim, porque só um papa-açorda é que faz essa figura — concordavam as duas senhoras, confessionalmente, no meio de uma conversa murmurada.

De quem estariam a falar? O Mário cuidou que devia ser das cenas que o Craveira fazia para se declarar à Margarida. Ela rira-se-lhe na cara, carnuda e sensual, quando ele lhe chamara de... de quê? Ahn! Intangível! O que é que queria dizer aquilo?

Mas os juízos da mãe e da D. Conceição, que antes lhe provocariam a troça, deixavam-no agora pouco à vontade. Não que ele fosse um papa-açorda! No conceito das duas família o seu prestígio era bem firme. O Sr. Chaves incitava-o e gozava com os muxoxos e as queixas das criadas a quem ele levantava de

surpresa as saias. Mas se viessem a saber daquela despedida...? Fora tudo tão rápido! A emoção traíra-o. Ainda sentia na mão o calor daqueles lábios quentes e suaves!

Iam por uma das ruas estreitas do Bairro Operário atrás do grupo formado pela mãe da Nandinha, pelas primas e pelos criados. Àquela hora algumas danças já tinham acendido os lampiões e um batuque descia a rua. Os primeiros guerreiros evoluçionavam perto deles, ameaçando-os com as lanças e chocalhando os guizos dos braços e dos pés. Tinham-se encostado a uma cerca de tábuas, para não serem absorvidos pela multidão que avançava a cantar, e olhavam. Era tarde e ele procurava um pretexto para se despedir, mas não queria parecer aos olhos da Nandinha um medroso, tremendo dos ralhos da mamã. Ele era já crescido. Poderia entrar mais tarde em casa. Não tinha medo, procurava convencer-se, para esconder a razão do seu temor.

Nandinha olhava-o às vezes de frente e parecia compreendê-lo. O seu olhar estava carregado de intenções e envolvia-o numa teia de sentimentos que o perturbava. Ela amanhã partiria para o Asilo. Ele teria que se despedir agora e a separação viria irremediavelmente. Separação que ficaria vazia como um corte brusco num feixe de luz, sem um compromisso, uma garantia da confissão mútua da ternura que os ligava e que ele, afinal, evitara sempre. Iriam separar-se por

quanto tempo? E não ficaria nada a preencher a distância... Ela só sairia nas férias grandes. Era melhor esquecer. Tinha que ser, não podia fazer nada. E acabou por dizer com determinação, sem se atrever a olhá-la:

— Vou agora.., atrás desta dança.

Nandinha, que lhe pressentia a agitação, percebeu que afinal seriam só aquelas palavras vazias de afecto que iriam encerrar toda a sua comoção da despedida. Ficou quieta, silenciosa, como se não tivesse ouvido, procurando nele, inútilmente, porque seria assim tão frio e sem futuro aquele momento. E como sonâmbula, segurou-lhe a mão e pediu trémula:

— Escreves-me?

O Mário receou viver a expressão daquela súplica e a garganta contraiu-se-lhe, recusando comunicar a afirmação que lhe enchia o peito. Acenou simplesmente um sim, com a cabeça, e súbitamente sentiu na mão os seus lábios quentes, suaves.

Retirou-a bruscamente como se a tivesse ferido. Quis fugir. Nandinha arfava, envergonhada. Foi então que num beijo tímido ele também juntou o seu juramento de fidelidade. Não pudera nem quisera conter as suas lágrimas. Eram dela.

E naquele momento o Mário recordava, agitando-se no passeio, e mordida os lábios para não chorar. A mãe dele vira e sorria. Toda a gente sorria. Ao chegar a casa todos os rostos sorriram. Talvez soubessem. Gozavam.

— Só o nosso Mário é que não é de meios termos... — dizia D. Conceição, na continuação da conversa sobre o Craveira e fazendo alusão aos despropósitos do garoto com as criadas.

A gargalhada alta e fresca da Margarida que acompanhou os olhares e que se lhe dirigiram sorridentes, feriu o Mário como um espinho. Sentiu as orelhas a arder e um suor quente inundá-lo. Eles sabiam, gozavam, troçavam também. Mas o que é que eles tinham com isso? O que é que tinham com a sua vida? A fraqueza fora sua e ele não a recusara. Gritou:

— Não têm nada com isso, não têm nada com isso... — e fugiu, choroso, deixando os pais e os vizinhos boquiabertos.

# A MULHER DO PADEIRO



O João das Quinhentas já andava irritado e recebeu o criado de sobrolho franzido e com o queixo erigido num movimento inquiridor. O que é que ela queria agora?

— A senhora não quer este feijão. Tem bicho! — respondeu acanhadamente o garoto ao seu olhar avinhado. Àquela hora ele já tinha bebido umas poucas quinhentas (como chamava aos copos de vinho de cinco tostões) e zangava-se facilmente.

— Se calhar lá na fortaleza davam melhor feijão? Tem bicho... armada em fina... — rugia o taberneiro enquanto ia despejando a quinda.

O criado não se atreveu a concordar, mas na muxima guardou avaramente a confirmação. Afinal a patroa sempre tinha estado na fortaleza de S. Miguel onde ficam os condenados que vêm do puto, repetiu para si com emoção. Sentia vontade de pular, de saltar, como se de repente o tivessem desamarrado de algo que lhe comunicava um instintivo temor. Era mentira a banga que ela fazia. Ela era mesmo uma

condenada. E depois com a mania ainda de lhe dar bofetadas.

No bairro do Quinaxixe, porém, todos conheciam o seu passado. As donas do bairro não gostavam do seu aspecto grosseiro, dos gestos com que ela tentava imitá-las num arremedo de dama. Viam nela uma intrusa. «... uma cavalona!» — diziam entre si quando a viam na praça.

Não era uma cavalona, mas era alta e corpulenta e chamava-se Apolónia, aliás, D. Apolónia. Embora amigada com o padeiro Brandão, «...em África é preciso mais respeito!» — ela impunha-se.

Moravam numa pequena casa com um quintal de muros tão altos que pareciam continuar as paredes. Caiada de branco alvejava a pouca distância da taberna do João das Quinhentas muito frequentada por ex-presidiários. Ouviam-se de sua casa as suas graças pesadas e as discussões acesas enquanto jogavam as cartas. D. Apolónia trancava as portas e janelas: «...por causa da pequena... e do Brandão que precisa de descansar.» — explicava afinando a voz rouca.

A pequena era a filha cassule Joaquina, uma menina mortíça que tinha medo de aparecer à porta. O João José, o outro filho do casal, mais ousado, sempre que podia esgueirava-se para se juntar aos companheiros do bairro. D. Apolónia não gostava. Os meninos do Quinaxixe andavam com pretos e mulatos, o que ela considerava um mau costume. Opunha-se por isso com firmeza. Toda a gente de casa conhecia a dureza

das suas convicções. Ela nunca esboçava um gesto, uma frase. Não hesitava nunca. As suas palavras, as suas atitudes, eram sempre definitivas.

O padeiro Brandão por tacto evitava colidir com as musculosas opiniões da mulher, embora não constasse que ela lhe batesse. Noctâmbulo, passava o dia piscando os olhos como um albino, hesitante em resolver a mais lisa circunstância doméstica. «Isso é com a minha mulher.» — dizia engrossando paradoxalmente a voz. «Oh! home não sejas atado!» — incitava-o às vezes D. Apolónia sorrindo envaidecida. Na realidade ele vivia apenas amassado pela sua presença imponente.

— Desde que começou a besuntar-se parece que ficou pior.. — resmungava ainda o João das Quinhentas ao devolver a quinda ao criado. Referia-se ao baton que há uns tempos atrás D. Apolónia passara a usar.

O padeiro também não gostara e ruminava embora resignadamente, que aquilo era uma porcaria. A vizinhança porém foi mais longe. Reparou no lábio superior de D. Apolónia densamente sombreado por um buço agressivamente negro, e à sucapa ria-se do contraste. Murmurava-se até que ela andava de amores com um frequentador da taberna do João das Quinhentas. Na verdade as transformações que se operavam no seu temperamento, a partir da altura em que se começou a pintar, punham as pessoas do bairro intrigadas. O baton além de disfarçar-lhe as gretas dos

seus lábios carnudos, amaciou-lhe os gestos e adoçou-lhe o olhar de gavião. Em casa o Brandão ganhou autoridade e percebia-se às vezes o timbre da sua voz, embora hesitante, como saída de uma longa asfíxia. O João José pressentiu o afrouxamento da vigilância maternal e aproveitou, fugindo amiúde para se juntar ao seu companheiro dilecto que morava perto do Martini das maçãs da Índia.

— Ena! tenho que ir com depressa... — murmurou o criado de D. Apolónia ao descobrir à saída o bando das alunas de costura, que gostavam de fazer pouco da sua senhora. A patroa poderia bater-lhe, julgando que ele as ajudava na troça. No íntimo ficava contente quando a senhora se irritava e descompunha as raparigas. «Não se pode mostrar os dentes a esta gente. Abusam logo...!» — dizia furiosa, batendo com as janelas. As raparigas gargalhavam e já longe ainda se ouviam os seus dichotes em quimbundo. O pior mesmo foi quando veio uma marchinha brasileira da *Mulher do padeiro*. No regresso para os muceques elas cantavam-na bem perto da casa, deturpando intencionalmente a letra da canção. E ele ouvia da cozinha as suas vozes esbatendo-se ao longe...

*A mulher do padeiro*

*Corneava noite e dia*

*Ooooooooooh!*

.....

*... e o padeiro não sabia*

Se naquele dia a patroa as apanhava...! E o criado sentiu um arrepião ao recordar D. Apolónia armada do cutelo de cortar o sabão, a correr sobre as raparigas. «Esta senhora não é bom.»

D. Apolónia, que se habituara ao desdém das senhoras do Quinaxixe, não amolecia no entanto como patroa. Aí não cedeu. «Estes negros julgam que eu sou igual a eles...?» — a ideia de um nivelamento punha-a fora de si. «É uma regateira...» — concordavam as donas do Quinaxixe com as quitandeiras que se queixavam daquela quissanda. E continuavam a afastá-la do seu convívio.

— Até que enfim... Estavas a fazer o feijão, anh? — perguntou-lhe carrancuda D. Apolónia que o esperava à porta.

— O Sô João é que... — tentou explicar-se o garoto.

— Qual Sô João, Sô João... — atalhou com rispidez. — Julgas que me comes... Ficas lá a conversar com os outros e depois é o Sô João...

— Vai mas é ver onde está o menino João — comandou a seguir, retirando-lhe a quinda das mãos. — Aquele parece que também anda a pedir...

— O menino está ali no trás, brincar com o menino Zeca — disse o criado apontando as traseiras do quintal, onde momentos antes os tinha visto a jogar à bilha.

— Ah! sim... então espera...

\*

\*            \*

O Zeca ardia de curiosidade. Intrigava-o a malícia que as alunas da costura punham na letra da marchinha brasileira. Aproximara-se temeroso. A mãe do João José parecia não gostar dele. O que é que queriam dizer com aquilo? No dia em que ela irrompera pela porta, de cutelo na mão, ele estava próximo e trepara aflito para cima dum muxixeiro. Não confiava muito no seu aspecto. Teria ela mesmo morto um homem, com uma faca? Mas o João José era tão mansinho... nem sequer gostava de jogar às bassulas. Como ele se encolhia quando a mãe o chamava! Fugia precipitadamente da sua companhia, mas sempre que podia vinha depois à janela acenar-lhe como a pedir-lhe perdão.

— Estás a roubar nos palmos — e o João José foi rectificar a posição da mão do Zeca, que quase estendido no chão, fazia pontaria a um buraco.

— Queres apostar que mesmo assim ganho?

Mas o João José não respondeu. Olhava uma saia azulada com listas vermelhas que vogava de vagar sobre umas pernas musculosas e peludas. De súbito pareceu reconhecê-las e levantou-se apressado, limpando a terra dos joelhos. Foi então que o Zeca também a viu, vermelha e silenciosa. O coração bateu-lhe alvoçado. Era a mãe do João José. Sentiu os músculos

da garganta contraírem-se. Hesitou. O que é que devia fazer? Fugir. E se ela o agarrasse pelo pescoço? Olhou-a de vagar de soslaio. Não se atrevia a esboçar nenhum movimento e cumprimentou-a timidamente do chão onde ficara transido, simulando jogar o burgau redondo.

D. Apolónia, depois de o olhar alguns momentos, virou-se rápida para o filho, puxando-o com violência por um braço.

— Estou farta de te dizer... Estás a ouvir...? — e ameaçava-o com a mão livre.

E se ela se virar para mim, pensava angustiado o Zeca. Mas ela não é minha mãe. Não tem nada de me bater.

— E tu também... Andas pr'aí todo sujo... e cada vez mais escuro — voltara-se finalmente para ele e olhava-o intensamente.

— É que a minha mãe... disse que eu apanho muito sol — titubeou enfiado.

— O que a tua mãe disse... com que então andas muito ao sol... — ela tinha a voz rouca e abanava a cabeça. O buço parecia mais negro e sob as sobrançelas espessas e ruças os olhos tinham um brilho afiado.

— O que a tua mãe disse... Pois fica sabendo... Tu és escuro porque és mulato. Descendes dos negros! — estas últimas palavras foram batidas com violência, atiradas como pedras.

Amorrinhado pelo sol o Zeca ouviu-a passivamente, baixando a cabeça. De súbito o ruído de uma porta

ao fechar-se sobressaltou-o e ele pareceu acordar. Teria sido um sonho? Como aquela voz parecia vir de longe... Fora para ele que ela tinha dito aquilo? Porquê? Mirou com atenção os braços sem compreender. Tinham um tom castanho, pardo, que escurecia na articulação do cotovelo quando os dobrava. Que tinha aquilo de mal? Salvo ligeiras gradações eram quase da mesma cor que os da maior parte dos seus companheiros. O Zito até era mais escuro que ele e tinha o cabelo liso e brilhante. Mas a minha mãe tem o cabelo crespo e a sua cor é também igual à minha, reflectiu melhor o Zeca. Mas mesmo assim parecia-lhe igual às outras mamãs do Quinaxixe. Mas as palavras da mãe do João José continham uma intenção desconhecida que o deixava perturbado. Olhou à volta. Tudo continuava impiedosamente iluminado por um sol ardente.

Os carpinteiros da Bricon serravam maquinalmente e de vez em quando agachavam-se como para limpar a serradura ou escutar. Os serventes caminhavam em todas as direcções, transportando padiolas de cimento para as obras em construção do Bairro do Cruzeiro. Sujos e calados caminhavam lentamente e os ruídos fluuavam e plasmavam-se aos seus movimentos cansados. As coisas e os homens comungavam numa expectativa de vencidos sem esperança.

De repente o Zeca sofreu o impacto de uma suspeita e enrubesceu. Descendes dos negros! A frase emergiu com ímpeto e ficou a boiar em frente dos

seus olhos atônitos, cegos de luz. Forcejou por levantar-se e correr para casa. Era preciso perguntar se aquela suspeita era verdade e porque é que era assim. Sim, porque a mãe devia sabê-lo, podia sabê-lo. Não. Ela não devia saber. Ela também lhe proibia a companhia dos meninos negros... Ela não queria saber.

Hesitava, pensativo, quando lhe chegou aos ouvidos as risadas das alunas de costura. Batucavam nas caixas o ritmo da Cidrália e cantavam a marchinha brasileira. O Zeca olhou-as e sorriu com tristeza. Elas eram negras também mas não tinham medo, nem pareciam importar-se. Cantavam com alegria, com uma confiança que os seus pulmões expeliam com força. E uma simpatia imensa por aquelas jovens cresceu tanto, que o deixou ofegante quando começou a cantar. E enquanto fugia desabaladamente, a sua voz uniu-se àquele coro uníssono que parecia desafiar a vida, gritando e berrando:

*A mulher do padeiro  
Corneava noite e dia...*



# MORTE DO VELHO NORONHA



Paravam os automóveis defronte do jardim da Igreja do Carmo, e saíam de vagar, molhados de suor sob os fatos pesados, constrangidos pelos nós das gravatas pretas. No átrio da Igreja cumprimentavam-se cerimoniosamente e limpavam as testas avermelhadas, com os lenços finos e brancos.

— Não se pode lá estar! Abafa-se lá dentro... — justificavam-se alguns aos recém-chegados, indicando com um gesto vago o interior da Igreja, onde estava exposto o corpo do velho Noronha.

Eram 11 horas. A Igreja estava aberta àquela hora. Sòmente algumas senhoras velavam o cadáver, sentadas nos bancos de madeira. Prostradas pelo calor, seguiam absortas o movimento lento da cera escorregando pelos círios. Entregues aos seus íntimos pensamentos, pareciam acordar a qualquer ruído ou movimento que pressentiam em redor. Depois retomavam a mesma sonolência e ouvia-se de vez em quando um suspiro de resignação.

Junto do altar de Santa Filomena, uma mulher envolta em panos de luto, rezava baixinho, de cabeça baixa.

— Credo, que calor! — murmurou uma senhora alta e grisalha ao erguer-se, encaminhando-se a seguir, muito direita e quijilosa, para uma das portas que dava para o átrio, donde chegava um susurro contínuo.

— Olhe que já naquela altura era um grande importador de conservas... Deu a mão a muitos patrícios... Minha senhora... — interrompeu-se o Sampaio Leal, inclinando-se perante D. Adelaide, irmã do defunto, que naquele momento acabava de surgir de uma das portas da Igreja.

Alguns dos recém-chegados aproximaram-se também reverentes, e apresentaram pêsames inaudíveis, recebidos com uma gravidade negligente. Era preciso cumprir o ritual e assim curvavam-se com um grande movimento afirmativo do tronco, com o qual D. Adelaide parecia concordar tácitamente.

Momentos depois reconstituíam-se os grupos e continuavam os diálogos. D. Adelaide foi juntar-se ao irmão, que ouvia com uma expressão de deferência forçada o João Moiteiro, comerciante dos musseques, que agitava vivamente as mãos gordas e suadas.

Louvaminhando os predicados do morto (foi um a quem ele dera a mão) denunciava-lhe agora as virtudes como outrora o denunciara ao fisco como fabricante de quimbombo. Não tinha escrúpulos e vingava-se daquela maneira da preferência que os negros davam ao velho Noronha...

Enfim, um ganancioso, um hipócrita, pensava o Mário Noronha, visivelmente enfastiado com os remorsos do comerciante. Sobretudo com as recordações daqueles negócios reles que ele fazia renascer. Um passado aviltante que era preciso esquecer, apagar. Não queria saber de nada que se relacionasse com ele. Estava farto! Porquê que ele lhe estaria agora a contar aquilo? Pelo menos sugeria...

— Com licença... Mário, não achas que o Padre poderia abreviar esta tortura? — a voz da irmã libertou-o dos seus pensamentos e ele respirou aliviado.

— Ah! Pois... com certeza. Dá-me licença... — despediu-se apressado do João Moiteiro, que se tinha virado para D. Adelaide com um sorriso largo e servil. Que dias terríveis aqueles. Teria certamente que enfrentar mais situações embaraçosas.

Ao dirigir-se para a sacristia colheu retalhos de conversas que lhe confirmaram os pensamentos e o fizeram apressar-se. Que gente sem dignidade, enfureceu-se. Que lhes interessava os terrenos que o irmão tinha perdido no jogo, e com as amantes negras? Iriam lembrar-se de tudo agora. Dos filhos mestiços, vadios espalhados pelos musseques, e até de pretos com o apelido da família. Eram capazes de chamar àquilo prestígio. Talvez, entre aqueles homens como o João Moiteiro, que se rebaixavam até aos negros. Não! Na sua posição não podia suportar ligações daquele género. Era humilhante! Era preciso acabar com aquilo, pensou mais uma vez inquieto. Revolviam

o passado do morto, esgaravatavam como abutres e exibiam depois os despojos sobre o fundo prestigiante da família, para a denegrir. Prazer dos que não podem subir a certas posições, julgava com desprezo. E ele que tentara tudo para que o irmão reconsiderasse. «Desaparece antes que te ponha na rua!» — ainda se mantinham nos seus ouvidos (e isso fora há quantos anos!) a sua voz extraordinariamente serena, mas firme. Para ele a família, a raça, era um mito. «Sou livre, não tenho os vossos preconceitos.» Livre, dissera ele. Antes o tivesse sido totalmente. Ele não seria obrigado a encolher-se na roda dos amigos sempre que lhe falavam do irmão. Finalmente, sim, finalmente, é melhor encarar a realidade. Tudo ia terminar, para evitar maior degradação.

A porta da sacristia estava aberta. Entrou. Não estava ninguém e alguns paramentos jaziam sobre uma escrivaninha estreita. Ainda mais esta! Onde estaria o Padre?

— ... não fosse esse vício e ele estaria muito bem agora — continuava o Sampaio Leal junto de um grupo de senhores circunspectos. — Aliás não é segredo. Não havia amante que não recebesse um presente de vulto... uma casita... e até ordenados! Como devem calcular tinha grande popularidade no meio indígena.

— Realmente quando me mudei para o Quinaxixe via isso no carnaval. Não havia dança que lá não fosse parar. Afinal ele também beneficiava com isso... com a lojeca...

— Oh! nem por isso. Estava velho, desinteressou-se. Limitava-se à rotina da fuba, farinha, ginguba... Olhe aqueles garotos ali, eram os seus melhores fregueses... de fiados — e apontava sorrindo um grupo de jovens encostados às árvores do jardim.

— Coitados, vão sentir a sua falta...

Coitado do Eduardo! Pensava D. Adelaide olhando o corpo hirto do irmão. Vendo bem, ele em nada traíra as esperanças da família. Mantivera-se simplesmente aquele Eduardo espontâneo e directo, que ela vira partir muito novo para a África. Talvez ele tivesse tido nestas terras mais oportunidades de se mostrar igual a si próprio, embora tivesse sido menos compreendido. A vida era diferente em África. Cada um precisava de ocupar o seu verdadeiro lugar. As sociedades existentes deviam ser respeitadas. Se assim não fosse, como é que depois poderíamos manter as nossas posições? «Quero lá saber disso... São mulheres e eu preciso viver!» — «É um imoral!» — O Eduardo e o Mário eram tão diferentes...! Já não o via desde que ele tinha rompido com a família. Estava ali agora, com uma expressão levemente sorridente, emoldurada pelos cabelos totalmente brancos. A mesma testa alta, ampla, o nariz afilado, distinto. O que é que ele teria ganho ao escolher essa outra face da sociedade, desprezando aquela a quem eles pertenciam. Para quê? Para se tornar o pai dos pretos. Um pai caprichoso que tanto os explorava como a seguir lhes oferecia.

O soba branco. Horrível! Era inevitável o rompimento. Como poderíamos apresentá-lo nas reuniões?! Seria um motivo de escárnio para todos nós. Meu Deus, como ele os pudera trocar por aquela gente...!

D. Adelaide levou as mãos aos olhos num gesto cansado. Agitavam-se nela emoções diferentes, temia analisá-las, e acabou por enxugar uma lágrima teimosa. Que situação injustificada!

Mas já fechavam o caixão. Retiravam os aprestos do enterro e alguns homens aproximavam-se para o levantar. Mário Noronha aproximou-se da irmã e passou-lhe a mão pelos ombros. Tinha-se acercado no momento e surpreendera-lhe o desfalecimento. Agora protegia-a, não se sabe de quê, talvez do poder de conversão da piedade que, pensava, despontava na irmã. Ela não devia ceder. O passado dele tinha sido vergonhoso, ele fora um indesejado. Cingiu com mais força os ombros da irmã, e ela como se tivesse compreendido, baixou os olhos.

Formava-se o séquito fúnebre e preparavam-se para sair da igreja. As senhoras faziam as últimas genuflexões, e retiravam os ramos de flores. Mário Noronha tomou então o braço da irmã e encaminhou-se para o átrio da igreja.

Súbitamente nasceu um choro alto. Um movimento insólito ferveu no meio daqueles homens elegantes, e uma mulher envolta em panos negros, precipitou-se sobre o caixão.

— Sô Eduardo! Sô Eduardo, tão bom, tão bom...  
— clamava abanando a cabeça.

Os cavalheiros que se aprestavam para levantar o caixão, recuaram e entreolharam-se hesitantes.

D. Adelaide empalideceu e depois corou violentamente sob os olhares interrogativos dos circunstantes, que pareciam esperar dela uma iniciativa, ou uma explicação, e olhou angustiada o irmão.

— Tinha sempre pena da nossa gente... — a mulher agarrava-se como desesperada ao caixão um gesto descontrolado derrubou uma coroa de flores artificiais, que caíram impróprias, substituídas pelas suas lágrimas ardentes.

Mário de Noronha súbitamente desnortado começou a ofegar, limitando-se depois a enxugar com pancadinhas nervosas o suor da testa. Nem mesmo depois de morto, ruminava com furor. Teriam que enfrentar sempre as raízes que ele criara no passado?

— —Tinha sempre um bocado de fuba, um bocado de farinha... — a lamentação escorria num pranto sacudido pelos soluços, enquanto as pessoas do cortejo visivelmente embaraçadas baixavam a cabeça, sem esboçar um movimento.

Como é que o Eduardo pudera ser tão egoísta! D. Adelaide revoltava-se e um sentimento novo, feito de vergonha e humilhação ensombrava a recordação piedosa que tivera do irmão.

João Moiteiro, a quem Mário Noronha parecia suplicar com os olhos, auxílio, desviou o rosto e parecia muito interessado a examinar um quadro da Crucificação, que se encontrava pregado na parede oposta.

Aquela gente elegante que aguentasse! Teimavam em ignorar a origem dos seus bens, só pelo facto de se acharem afastados directamente dessa realidade, pensava com uma pequena satisfação interior o comerciante. Era bom de vez em quando fazê-los descer à vida. E pressentia-lhes o mal estar, aspirava-o com volúpia, apalpava-o, saboreando a sua densidade.

Mas como a ladaíinha parecia eternizar-se, sem que se apresentasse qualquer solução, avançou e interveio:

— Pronto, pronto, já acabou... — e batia familiarmente nas costas da mulher, enquanto com um sinal ligeiro aconselhava que saíssem com o caixão.

Os rapazes do Quinaxixe que esperavam encostados às árvores do jardim e que tinham ocorrido aos gritos da mulher enlutada, olharam-na depois comovidos. Amarfanhada num dos bancos da Igreja, era como um símbolo dos seus sentimentos, mas que neles se anulavam envergonhados no meio daquela gente diferente.

DESPERTAR



Caminhava devagar e pisava levemente a terra vermelha, receoso que a poeira embaciasse o brilho dos sapatos cuidadosamente engraxados. Aquela preocupação dava-lhe ao andar uma indolência gingona, que o calor das 2 horas acentuava.

Era cedo, e ele não tinha pressa. Só começariam a passar o filme às 3 horas, e ele já tinha comprado o bilhete. Tinha ido de manhã comprá-lo, depois de assistir a um treino de futebol no campo do S. Paulo da Missão. Quase chegara tarde, distraído como estivera com as fintas cambaias do Cagalhoça, mas conseguira arranjar um superior. Num filme de Randolph Scott é difícil! Mas mesmo que só encontrasse geral não ia para os bancos de pedra. Aquilo era só para os pretos de pé descalço. Embora uma vez o Ruço, porteiro, quisesse obrigar um rapaz mulato. Houve canvanza!

Mas se ele pudesse o que compraria mesmo seria uma cadeira. Era mais selecto. Mas com aquelas tipas do musseque quase não valia a pena. Mal penteadas,

com vestidos feios de flores berrantes. No Cine Nacional é que interessava comprar plateia. Na matinée o cinema enchia-se de moças lindas, brancas e cabritas de cabelos ondulados, de fala suave. Se ainda o deixassem entrar com bilhete de criança, não voltaria ao Colonial. Não que lá se sentisse mal. Gozava até uma pequenina satisfação interior. A gente que frequentava o Colonial, tinha ficado no começo da vida e competia já, desesperadamente, por necessidades primárias. Ele tinha a promessa do seu futuro de estudante liceal. O que é que ele poderia vir a ser? Engenheiro? Advogado? Não definia muito bem as suas ambições, nunca incitadas e vagamente cerceadas pelo pai, modesto empregado de comércio. «O quinto ano... e mesmo assim com que dificuldades!» «Mas um rapaz precisa de estudar, Silva. Enfim, podia-se...» — aquela esperança embora reticente da mãe (sabiam que nunca poderiam mandá-lo estudar para Lisboa) animava porém a sua imaginação fogosa.

Gostava por isso de ir ao Colonial. Ao abrigo da escuridão, aquela multidão heterogénea, de pretos, brancos e mulatos, que gritava, ria e cheirava mal, parecia plasmada num só corpo agitado por uma emoção uníssona e fraterna. No intervalo porém distinguiam-se, marcando os seus direitos e os seus fins, e afastavam-se. O pior de tudo, é que os colegas do liceu troçavam dos frequentadores do Colonial. Chamavam-nos mussequeiros, o que perto das colegas era conflagrador. Elas eram tão proibitivas! Reparavam em tudo. Então as mulatas e a Conceição, que era filha de

pais indianos, quase não falava com os colegas de cor, para não a confundirem. A verdade é que ele ia ao Colonial mas não dava confiança.

Ao entrar numa das ruas que nasciam para o S. Paulo, do largo do chafariz do Carneiro, a atenção do Gigi foi desviada pelo pressentimento que o espreitavam de uma casa amarela de pau-a-pique. Pensou que devia ser a filha daquela mulher de panos que quando ele passava cochichava para as vizinhas: «É o menino Gigi, o filho da D. Angelina. Anda no liceu!» A admiração com que o seguiam envaidecia-o. Exagerava então o andar e encurvava ligeiramente as costas. Mas a curiosidade da filha púbere, criava-lhe também um sentimento de irritação. Diminuía-o a ideia de que ela o considerasse muito próximo, ou acessível, só pelo facto de frequentar esporadicamente os musseques. Precisava não transigir.

Não olhou na direcção da casa e alteou a cabeça com arrogância. Não podia fraquejar. Aquela indefinível promessa, sempre presente nos olhos distraídos da Zezette, as suas mãos finas e brancas, que ele sonhava acariciar... Não. Não poderia arriscar.

Súbitamente ia-se desequilibrando ao dar uma pequena topada, e sentiu o sapato cheio de areia. Corou por ter quebrado a compostura e recomeçou a andar agora mais depressa. Limpá-lo-ia ao alcançar a rua de asfalto do S. Paulo, em frente do cinema.

Uma multidão já se acotovelava junto do portão de rede do Cine Colonial, e os polícias e o porteiro

começavam naquele momento a abri-lo. Mantiveram-no depois de forma a que só desse passagem a uma pessoa, e de repente toda aquela gente cresceu e enrodilhou-se, comprimindo-se para aquela nesga. O passeio escoava-se, esvaziando-se lentamente.

Na torrente o Gigi sentiu que o puxavam por um braço. Era um colega de turma, o Semião, Cambonzo como o alcunharam no liceu.

— Ficamos juntos, einh — gritou-lhe o Gigi.

— Guardo-te um lugar... — respondeu o colega que desaparecia naquele momento pela abertura do portão.

Ainda faltava perto de meia hora para o início do espectáculo, e a sala já se encontrava quase cheia. Restavam poucos lugares dos bancos de pedra que ficavam junto do écran. Toda a gente parecia excitada e falava alto. As vozes chocavam-se, ressoavam, e o eco retornava ao encontro de novas vozes e de outros ecos.

O Semião Cambonzo gritava, descrevendo uma cena duma película antiga do Kitt Carson, mas a atenção do Gigi estava fixada nos gestos de um rapaz que na sua frente narrava qualquer coisa semelhante. Só lhe chegavam as exclamações e algumas palavras pe-neiradas do barulho. «Ena... saca-lhe... zanzulou o gajo!». E o Gigi sorriu também ao ouvir a gargalhada. Contraía-se de prazer ao ouvir aquela linguagem exclamativa, cheia de expressões novas que irrompiam vibrantes no meio da frase, com uma veracidade directa, orgânica, dando-lhe um ritmo vivo, e criando

uma mímica natural, de gestos espontâneos. Nestes momentos lembrava-se da sua impaciência nas aulas de português! A exposição do professor, monótona, igual, e ele a sentir nos lábios, incivis, mas imperativas, aquelas gostosas expressões de quimbundo.

Fazia muito calor. O Gigi pediu ao Semião que lhe guardasse o lugar e saiu. Mas o que lhe interessava mesmo ver, eram aqueles rapazes do musseque saltar o muro do cinema e enganar os cipaio. Pela rede do muro ele viu-os passar, namorando a oportunidade de dar o bote, logo que o cipaio se distraísse. Talvez tivessem sorte. O mais terrível era o Pés-de-Chumbo e ele não estava de serviço. Tinha sido auxiliar do Santos Kipexe, quando este trabalhava para a polícia. Pesado, de pernas gordas e luzidias, mas famoso pela argúcia. Um fingido, nunca se sabia quando é que estava a vigiar ou a dormir. De repente chegava-se ao pé do saltador, já tranquilizado, e agarrava-o. Diziam que era ambaquista, mas ele falava pouco, mesmo quando os garotos o disparatavam de fora, impotentes perante aquela negra barreira de subtileza.

Ao Gigi divertia-o aquele jogo. Ele tinha podido comprar o bilhete. Isso conferia-lhe uma espécie de domínio da situação e dos próprios interventores. Cediam-lhes então a sua metade de bilhete, para que pudessem passar pelos fiscais das portas laterais. Era uma cordealidade distante em relação à qual ele porém não queria comprometer-se, e que provinha de

um vago desejo de proteger, para se distinguir acima deles.

Do lado de fora dos muros começaram a juntar-se naquela ocasião as jovens doceiras. Lembrou-se então de comprar um pacote de ginguba polvilhada de açúcar para comer durante a sessão, ou alvejar algumas cabeças mais salientes.

Um jovem da sua idade estava no momento tentando chamar a atenção de uma negrinha alegre de seios pequenos que despontavam como gajajas. Usava calções de caqui incrivelmente curtos, e uma aguçada poupa molhada de gordura. Gigi aproximou-se na altura em que a doceira trazia a quinda para mais perto do muro, e acenou-lhe com uma nota de um angular. Mas o corpo do jovem opôs-se reivindicativamente à frente, procurando ser o primeiro. Gigi franziu o sobrolho contrariado. Afinal o que é que este gajo queria. Não podia esperar... Mirou o competidor, que lhe retribuiu o olhar, sobranceiro. Os seus ombros quase se encostavam, e ele reparou-lhe na camisa muito pasajada, que exprimia um confronto impossível. A jovem hesitava entre os dois e sorria lisonjeada com a disputa.

— Desencosta — disse-lhe o Gigi empurrando-o com desprezo.

— Desencosta tu — respondeu-lhe o jovem como um galo, com a poupa bem em riste.

— Levas no focinho, seu...

— Então bate lá, bate lá... vamos...

Não há outra saída, pensou o Gigi, ferido na sua vaidade. O que é que ele pensava, que ele era!? Atacou.

O seu antagonista, experimentado em lutas no musseque, engalfinhou-se tentando conduzir um corpo a corpo. Gigi repeliu-o com dificuldade. O jovem opositor lutava com ardor, quase com desespero e na barafunda da poeira e do emaranhado de braços que a sua agilidade criava, Gigi ouvia sobre as vozes dos grupos de espectadores que se reuniam à volta, uma pergunta trémula da jovem doceira: — P'ra quê só isso, p'ra quê...?

P'ra quê?, relampejou-lhe a pergunta no meio da luta, e vagamente percebeu que esmorecia. Os braços tornavam-se-lhe pesados e a presença do adversário mais acutilante. P'ra quê retinha a dúvida. E quando o polícia branco os separou, não insistiu. Afinal, para quê, não poderia ter evitado? O polícia afastou-o com brandura, mas ameaçou o seu adversário com o cassette. A respiração deste acentuou-se e um brilho de revolta cintilou-lhe alucinadamente no olhar. Afrontou o polícia.

Gigi olhou-o com espanto, mas baixou a cabeça com vergonha e fugiu, afundando-se no ruído quente e quase adstringente da sala. Sentou-se sem dizer palavra, e o Semião distraído não deu pelo seu ar afogueado.

Pouco depois as imagens começaram a surgir no écran, quase sem ele dar por isso. Sentia os ombros vergados por um cansaço estranho, tomava-o uma vaga dormência. Na sala escura, o écran iluminado, impunha-se-lhe, branco, como o brilho alucinado daquele

olhar de fera acuada defendendo a vida, que ele vira no adversário quando afrontava o polícia.

A sala começou súbitamente a gritar emocionada. Era um documentário de catch com dois monstros de violência, com rostos largos e pisados. As imagens corriam umas sobre as outras, aos saltos, incoerentes. Gigi não conseguia concentrar-se, perceber a linha de ação. Desviou a vista e sentiu um imperceptível latejar no olho direito.

O que é que ele defenderia com tanto desespero, pensou. Pouco tinha que defender. Ele nascera sem nada e a vida, depois, pouco lhe tinha dado. Mas o pouco que ele defendia, o que criara para si, numa existência árida e sem conforto, talvez fosse agreste, mas devia ser-lhe tão essencial como a própria vida. O que seria? Devia ser alguma coisa abstracta, assim como uma atitude perante a vida, uma noção de liberdade, ou talvez a sua própria condição de ser livre e poder reivindicar. Era realmente muito pouco o que lhe restava — a vida para oferecer em holocausto à sua ambição de existir como ser humano.

Mas ele não teria também o direito de lutar pelo que era? De utilizar as possibilidades que não lhe tinham retirado e impor-se, criar a sua posição na vida? Eles não eram iguais. Mas lutar contra quem? Contra ele! O que é que ele lhe poderia negar, ou impedir? Só a circunstância de poder dispor da sua força, das suas renúncias e da coragem dos seus sacrifícios. Então contra quem exigir? «Estes mulatos julgam que nós

somos da laia deles...», doeu-lhe de repente a lembrança da voz da Nelly, furiosa com o galanteio do Semião. E recordou o seu orgulho de menina rica e mimada. Ela estava no alto de um pedestal que cobria todos os pequeninos e variados pedestais de ambições que se erguiam debaixo de si. Sim, em relação à sua sociedade, eles não eram da mesma laia. Era o mais fraco. Quando é que o polícia o ameaçaria também com o cassetete?

Acabava o documentário. O vencido aparecia agora em primeiro plano com o rosto entumescido. Reviu-se naquele destroço com uma sensação de derrota, não física, mas nascida do desgosto que lhe davam agora as suas ambições, que faziam dele mais um peso de uma cadeia de domínio opressivo. Levou a mão ao rosto. A vista direita nublava-se e a pálpebra fechava-se lentamente.

Ao sair no intervalo o Semião alvoroçou-se ao reparar no seu olho negro. Pressentindo a causa, fez perguntas, exigiu pormenores, quis desferrá-lo.

O Gigi sorria estranhamente, sem ressentimento. Que não era nada. Uma luta, um descuido, uma distração, um erro. E depois acrescentou, triste mas firme.

— Deixa lá. A culpa foi minha.

*F I M*



# ÍNDICE



QUINAXIXE .....	5
O VELHO PEDRO .....	23
EXAMES DA 1. <sup>a</sup> CLASSE .....	33
A MENINA VITÓRIA .....	43
ALMAS DO OUTRO MUNDO .....	53
QUARTA-FEIRA DE CINZAS .....	65
A MULHER DO PADEIRO .....	75
MORTE DO VELHO NORONHA .....	87
DESPERTAR .....	97

